

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

LÍVIA SILVA SEIXAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO COLÉGIO MUNICIPAL CRESCENCIANO
FERNANDES PIRES, DISTRITO DE ITAITU, JACOBINA – BAHIA, À LUZ DO
PROGRAMA DESPERTAR: UM ESTUDO DE CASO

JACOBINA, BA

2008

LÍVIA SILVA SEIXAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO COLÉGIO MUNICIPAL CRESCENCIANO
FERNANDES PIRES, DISTRITO DE ITAITU, JACOBINA – BAHIA, À LUZ DO
PROGRAMA DESPERTAR: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso
orientado pela Professora Jacy
Bandeira Almeida Nunes, como
requisito parcial para obtenção do grau
de Licenciatura Plena em Geografia,
pela Universidade do Estado da Bahia
– UNEB.

JACOBINA, BA
2008

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO COLÉGIO MUNICIPAL CRESCENCIANO
FERNANDES PIRES, DISTRITO DE ITAITU, JACOBINA – BAHIA, À LUZ DO
PROGRAMA DESPERTAR: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Composição da Banca Examinadora:

Professor(a) Orientador(a): Jacy Bandeira Almeida Nunes

Prof (a) avaliador(a) Eliã Siméia Martins dos Santos Amorim
Universidade do Estado da Bahia

Prof (a) avaliador(a) Ione Oliveira Jatobá Leal
Universidade do Estado da Bahia

Aprovado em _____ de _____ de 2008.

À minha família e a João,
por toda a paciência e amor a mim
dedicados durante esse período tão difícil.

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer coisa ou pessoa, agradeço a Deus por ter me dado forças para seguir em frente quando os obstáculos pareciam intransponíveis e eu sentia que não conseguiria suportá-los. Obrigada, Senhor!

Aos meus pais, Gorete e Aníbal, por terem me proporcionado uma educação de qualidade, me fazendo chegar até aqui e ser quem sou hoje e por me amarem incondicionalmente. Eu os amo muito!

A João, por ter me encorajado e, acima de tudo, por me amar e cuidar, mesmo nesse momento tão difícil!

À Professora Jacy por todo o empenho, pelos livros emprestados e, principalmente, pela orientação na realização desse trabalho.

À minha querida amiga tia Vivi pela companhia na visita a Itaitu e pela amizade e carinho sempre presentes na minha vida!

A todos os professores, alunos e funcionários do Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires que me receberam muito bem e cuja colaboração foi imprescindível para a realização desta pesquisa.

Aos colegas João Batista e Tiara pela presteza e boa vontade em me ajudar com a elaboração do mapa e do *abstract*, respectivamente.

À minha Dinda Andréa pela torcida e energia constantes a mim conferidas e pela presteza e maestria na realização da correção ortográfica.

A todos os meus amigos, às pessoas que acompanharam a construção desse trabalho (não citados aqui em nomes, mas, não menos importantes), que me apoiaram com gestos ou palavras e que, com certeza, contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão dessa etapa da minha vida.

Muito obrigada a todos!

RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa exploratória, quali-quantitativa e baseada no método hermenêutico-dialético, acerca da percepção ambiental dos alunos e professores, a partir da atuação do Programa Despertar, no Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires, situado no Distrito de Itaitu, zona rural do município de Jacobina-BA. O Programa Despertar é um programa especial do Serviço Nacional de Aprendizado Rural, em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas e com a Companhia de Eletricidade da Bahia. Atua promovendo capacitação em EA nas escolas das comunidades rurais dos municípios baianos. O Programa Despertar visa promover a conscientização ecológica do indivíduo, formando cidadãos conscientes dos problemas socioambientais do planeta e dispostos a promover ações de melhoria no âmbito da saúde, educação e meio ambiente. A proposta desse estudo de caso é, de fato, identificar a percepção ambiental dos alunos e dos professores do Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires, a partir da aplicação de questionários de questões abertas para os professores e questionários de questões abertas, inclusive desenhos, para os alunos participantes da pesquisa. Esta pesquisa tomou como referência para interpretação dos dados as duas principais vertentes da EA: a conservadora e a emancipatória. Para a análise de dados utilizou a metodologia da Análise de Conteúdo. Ao final da pesquisa, detectou-se a presença da vertente naturalista da EA tanto nas concepções dos professores quanto nas concepções dos alunos, no entanto, percebe-se a transição desta para a visão socioambiental em ambas as partes.

Palavras chave: Percepção Ambiental, Educação Ambiental, Programa Despertar, Socioambiental, Sociocultural.

ABSTRACT

This work is the result of an exploratory and qualitative research, based on – dialectic-hermeneutic method, about the environmental perception of students and teachers, from the performance of Programa Despertar, at Crescenciano Fernandes Pires Municipal School, located on the District of Itaitu, rural area of the municipality of Jacobina-BA. Programa Despertar is a special program of Serviço Nacional de Aprendizado Rural, in partnership with Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas and with the Company of Electricity of Bahia. It acts promoting training in EE in the rural communities' of the municipal districts from Bahia schools. Programa Despertar seeks to promote the individual's ecological understanding, forming citizens aware of social and environmental problems of the planet, willing to promote actions to improve health, education and environment. The proposal of this case study is, in fact, to identify the perception environmental of pupils and teachers of Crescenciano Fernandes Pires Municipal School, from the application of open questions questionnaires for teachers, including drawings, for students study participants. This research took as reference for the interpretation of data, the two main aspects of EE: the conservative and emancipatory. For the data analysis used the methodology of analysis of content. In the end of the research, it detected the presence of naturalistic shedding EA (EE) both in the conceptions of teachers and in the conceptions of students, however, it makes clear the transition to the social and environmental vision in both parties.

Key Words: Environmental perception, perception, Environmental Education, Programa Despertar, Socioambiental, Sociocultural.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Vila de Itaitu	14
Figura 02: Cachoeira Véu de Noiva.....	15
Figura 03: Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires.....	16
Figura 04: Material didático do Programa Despertar.....	25
Figura 05: Desenho de aluno participante da pesquisa.....	45
Figura 06: Desenho de aluno participante da pesquisa.....	46
Figura 07: Desenho de aluna participante da pesquisa.....	48
Figura 08: Quadro de sistematização das categorias de análise da percepção ambiental dos alunos.....	51
Figura 09: Quadro de sistematização das respostas dos professores ao questionário.....	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Variação da faixa etária dos alunos pesquisados.....	44
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COELBA – Companhia de Eletricidade da Bahia

EA – Educação Ambiental

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FAEB – Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia

FPR – Formação Profissional Rural

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PS – Promoção Social

QTDE – Quantidade

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizado Rural

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O CENÁRIO DA PESQUISA	14
1.1 O Distrito de Itaitu	14
1.2 O Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires	16
1.3 O Programa Despertar	18
2 O CONSTRUTO PERCEPÇÃO E SUA ARTICULAÇÃO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	26
2.1 A percepção	27
2.2 A percepção ambiental	31
2.3 Percepção e educação ambiental	34
3 A ANÁLISE DE DADOS	39
3.1 As estratégias para coleta dos dados	39
3.2 Os procedimentos para análise dos dados	41
3.3 Analisando os dados	43
3.3.1 Sobre os Alunos	43
3.3.2 Sobre os Professores	53
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
APÊNDICES	66
APÊNDICE A.....	67
APÊNDICE B.....	68
APÊNDICE C.....	69
ANEXOS	70
ANEXO 1 – Mapa de localização do Distrito de Itaitu	

INTRODUÇÃO

Diante do atual cenário social de crescente e constante desenvolvimento tecnológico e de tamanha velocidade de informação e conhecimento ao qual nós, seres humanos, e o planeta Terra estamos expostos, torna-se cada vez mais presente a gritante necessidade da conscientização acerca da preservação das relações socioambientais, ou seja, dos meios ambiente e social. É visível a preocupação mundial com o meio ambiente seja nas escolas, nos grandes centros urbanos, nas grandes empresas e até por parte dos produtores rurais – grandes ou pequenos – pois, todos estão percebendo que preservar a natureza significa preservar a vida humana e as condições necessárias para o desenvolvimento desta.

Pensando nesse desenvolvimento acelerado e na necessidade de refletirmos acerca das relações socioambientais e também das relações socioculturais – visto que ambas caminham lado a lado, ligadas por elementos e características comuns entre si, afinal, todo elemento natural é também socioambiental e, por sua vez, sociocultural – é que surgiu a idéia de realizar uma pesquisa cujo objetivo de investigação foi compreender a percepção ambiental de certos atores sociais (socioambientais e socioculturais).

Desse modo, os atores escolhidos foram os alunos e professores do Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires, localizado no Distrito de Itaitu, zona rural do município de Jacobina-BA. A pesquisa investigou a percepção ambiental desses alunos e professores dentro da escola e da comunidade em que vivem, a partir da atuação do Programa Despertar.

Para tanto realizamos inicialmente um levantamento das informações sobre a caracterização do Colégio, do Distrito e sobre o Programa Despertar, seguido da discussão acerca do construto percepção; da adjetivação ambiental da percepção e suas relações com a Educação Ambiental (EA). Aplicamos questionários de questões abertas para os professores e para os alunos, porém, solicitamos destes a produção de um desenho. E, por fim, interpretamos as informações coletadas a fim de compreendermos o fenômeno pesquisado.

A fiel execução do referido esquema de trabalho foi imprescindível para compreendermos: *Como o Programa Despertar contribui para mobilizar a percepção dos professores e alunos para as questões ambientais no Colégio Crescenciano Fernandes Pires e no Distrito de Itaitu? As questões norteadoras foram: Como a EA*

é trabalhada no Colégio? Como os professores e alunos percebem o meio ambiente? e Será que a EA discutida/vivida no Colégio está de acordo com as orientações e propostas do Programa Despertar?

O presente trabalho enquadra-se na categoria de pesquisa quali-quantitativa, já que a proposta foi realizar um estudo de caso, explorando as particularidades do Colégio e do Distrito de Itaitu com o intuito de compreender em qual vertente ambiental a percepção identificada se encaixa e também quais os fatores que determinam a percepção ambiental desses indivíduos. No decorrer da pesquisa, além dos dados qualitativos, houve também a necessidade de quantificar algumas informações, a fim de oferecer maior esclarecimento.

No caso específico do colégio pesquisado, o processo de conscientização ambiental encontra suporte no Programa Despertar que faz parte de programas especiais do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) em parceria com os municípios aos quais atende, com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), com a Companhia de Eletricidade da Bahia (COELBA) e tem o apoio da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (FAEB). Está presente em 38 municípios baianos propondo capacitação em EA nas escolas de comunidades rurais, através de diversas atividades educativas baseadas em projetos interdisciplinares que visam à conscientização da necessidade e importância da preservação ambiental, associada às práticas socioculturais.

Numa pesquisa quali-quantitativa e exploratória como esta, uma fonte fundamental de informações é a comunidade local, nesse caso, a comunidade escolar (professores e alunos) do distrito. O levantamento de dados ocorreu, principalmente, através da aplicação de questionários de questões abertas para professores e alunos, bem como através de conversas informais e registros fotográficos coletados durante as visitas realizadas ao distrito e ao colégio.

O método hermenêutico-dialético, de Minayo (1994), aqui utilizado, é apropriado para o referido estudo de caso porque valoriza a fala dos atores sociais situadas em seus próprios contextos, partindo do *interior da fala* até o *campo da especificidade histórica e totalizante que produz a fala*, para possibilitar uma melhor compreensão da mesma. Ou seja, tal metodologia além de buscar a interpretação da essência fenomenológica da percepção humana, valoriza as concepções e opiniões daqueles

que vivenciam a realidade pesquisada, o que, por sua vez, funciona como a ilustração da teoria.

Desse modo, a pesquisa está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *O Cenário da Pesquisa*, caracterizamos o local investigado, isto é, o Colégio (corpos docente e discente, estrutura física), o Distrito de Itaitu e o Programa Despertar, bem como seus objetivos, abrangência e relacionamento com a escola. No segundo capítulo, *O Construto Percepção e sua Articulação com a Educação Ambiental*, traçamos as concepções teóricas acerca da fenomenologia da percepção humana, da percepção ambiental e suas relações com a EA, as principais vertentes da EA, além das idéias acerca dos conceitos de percepção. No terceiro capítulo, *A Análise de Dados*, descrevemos as estratégias utilizadas para a coleta de dados, os procedimentos aplicados na análise, analisamos os dados coletados durante a pesquisa e expomos os resultados obtidos.

E, finalmente, nas considerações finais discorreremos sobre as constatações da pesquisa, trazendo reflexões atuais da importância da percepção ambiental e da consciência ecológica para uma prática correta da EA e da importância dessa prática para o bem estar socioambiental da humanidade.

1 O CENÁRIO DA PESQUISA

Neste capítulo descreveremos o local de realização da pesquisa, bem como o caracterizaremos, a partir de informações obtidas através da realização de visitas ao Distrito de Itaitu e ao Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires e também de pesquisas bibliográficas.

É importante que caracterizemos o local da pesquisa para proporcionar ao leitor que se situe mais facilmente e compreenda as especificidades da realidade aqui estudada.

1.1 O Distrito de Itaitu

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Jacobina (2008), Itaitu é um dos sete distritos do município de Jacobina e fica situado a, aproximadamente, 15 km de distância da sede.

Conforme informações do site local Ispiaki (2008), Itaitu em língua indígena significa *pedra grande*. Também conhecido como Riachão de Jacobina foi o primeiro distrito e se desenvolveu a partir da exploração do ouro nas encostas de suas serras. Atualmente, o distrito vive da agricultura de subsistência, principalmente, do cultivo da cana-de-açúcar para a fabricação de rapadura, do arroz, do feijão, do milho, de frutas e de verduras. O distrito apresenta ainda um enorme potencial para o Turismo Ecológico Sustentável, devido ao grande número de cachoeiras e serras espalhadas ao redor da região.



Figura 01: Vila de Itaitu – Ba.
Foto: Sthel Braga

O Distrito de Itaitu é muito conhecido em toda a região, principalmente, pelas suas belezas naturais e, mais especificamente, pelas cachoeiras. São mais de 45 quedas d'água reunidas no Parque das Cachoeiras – criado pela Bahiatursa em parceria com a Prefeitura Municipal de Jacobina – e na Estância Ecológica Bandeirantes. Turistas, jacobinenses e também habitantes dos vários municípios da região costumam visitar o Distrito de Itaitu com frequência, a fim de desfrutar das opções de lazer que o lugar oferece e também para praticar esportes radicais, como trilhas, trekking e rapel.



Figura 02: Cachoeira Vêu de Noiva, Itaitu, Jacobina - BA.
Foto: Thyagu Mayah

1.2 O Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires

O presente estudo foi realizado no Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires, cuja diretora é a professora Margarete Moreira Guimarães, e a coordenadora pedagógica a professora Jeanine Almeida Moreira. O colégio fica localizado na Rua do Prédio Velho, S/N, no Distrito de Itaitu, zona rural do município de Jacobina, na Bahia. O referido colégio está situado em uma ampla área territorial, em frente a uma praça e uma quadra esportiva.



Figura 03: Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires. Itaitu – BA.
Foto: Livia Seixas

O Colégio conta com uma boa estrutura física e, inclusive, está sendo reformado para melhor atender o seu alunado, seus professores e seus funcionários. Atualmente dispõe de 6 (seis) salas de aula em funcionamento e brevemente contará com mais 3 (três) que estão em avançado processo de construção – assim como também se encontra o andamento da reforma de todo o colégio – totalizando, assim, 9 (nove) salas de aula. Vale ressaltar que as três salas de aula que estão

sendo construídas vêm substituir outras três que funcionam atualmente em um anexo da escola situado na Praça Matriz do Distrito, em frente à Igreja Matriz.

O colégio conta ainda com 8 (oito) banheiros, sendo 4 (quatro) exclusivamente destinados ao uso dos alunos, 1 (um) para os professores, 1 (um) para os demais funcionários e os 2 (dois) restantes estão localizados no auditório do colégio para uso geral, quando da realização de eventos no mesmo. Há também no colégio 1 (uma) cantina, onde se prepara a merenda escolar que é distribuída aos alunos; 1 (uma) sala, na qual professores, secretário, coordenadora e diretora se reúnem e, conjugada a esta, a sala da direção. Desse modo, a estrutura física do colégio apresenta-se em bom estado de conservação, garantindo um bom desenvolvimento das atividades pedagógicas. É importante destacar que o mesmo encontra-se em reforma, o que sugere a melhoria das instalações do colégio para proporcionar melhores condições de trabalho para professores e alunos.

As salas de aula do Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires são amplas e arejadas por enormes janelas. Segundo alguns professores, é comum ver inúmeros cartazes educativos e pedagógicos que contemplam os temas e projetos trabalhados durante as aulas, dentre estes referentes ao Programa Despertar, espalhados pelos corredores e salas de aula o colégio, entretanto, durante a pesquisa não foi possível constatar esses fatos, pois os referidos cartazes tiveram que ser retirados, devido à reforma. Quanto aos móveis e material didático, pode-se dizer sobre os primeiros que estão em quantidades suficientes e condições razoáveis de uso e sobre os últimos, que são devidamente disponibilizados tanto para professores quanto para alunos.

O quadro de funcionários do colégio é composto por 40 (quarenta) profissionais, sendo que destes, 27 (vinte e sete) são professores que se revezam entre os três turnos de funcionamento do colégio. Cada professor trabalha, em média, com 25 (vinte e cinco) alunos em cada turma.

No total o Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires tem 530 (quinhentos e trinta) alunos distribuídos entre os turnos matutino, vespertino e noturno. No turno matutino estão matriculados 240 (duzentos e quarenta) alunos com uma faixa etária entre 4 e 13 anos de idade, distribuídos em oito turmas, desde a educação infantil até a 3ª série (4º ano) do Ensino Fundamental. No turno vespertino são 170 (cento e setenta) alunos, entre 4 e 20 anos de idade, distribuídos em nove turmas, entre elas turmas de educação infantil e duas turmas de 4ª série (5º ano) do Ensino

Fundamental, que funcionam no anexo da escola e que contemplam os alunos com idades entre 4 e 11 anos; e turmas de 5ª série (6º ano) a 8ª série (9º ano) do Ensino Fundamental, que funcionam no prédio da escola e contemplam os alunos entre 12 e 20 anos de idade. No turno noturno estão matriculados 120 (cento e vinte) alunos, distribuídos em seis turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos), modalidade de ensino na qual a faixa etária predominante é superior a 18 anos, de modo que a escola tem alunos de até 63 anos de idade, segundo a diretora.

Sobre os professores que trabalham na escola, pôde-se observar que aqueles que trabalham com as turmas de 5ª a 8ª série (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental são todos graduados e dentre aqueles que lecionam em turmas de 1ª a 4ª série (2º ao 5º ano) do Ensino Fundamental, quatro professores não são graduados e o restante está em processo de graduação. Ou seja, dos 27 (vinte e sete) professores que trabalham no colégio, apenas 4 (quatro) não são graduados e nem estão em processo de graduação. Cinco dos professores já trabalham no colégio há mais de dez anos, enquanto que os demais estão na escola há cerca de um ano, devido a recente realização de concurso público, o que acarretou a renovação do quadro de professores, implicando na saída daqueles que trabalhavam em regime de contrato. A faixa etária desses professores varia de 23 a 40 anos de idade.

1.3 O Programa Despertar

O Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires é uma escola rural, afinal está localizado em uma comunidade rural, portanto é natural que trabalhe com seus alunos temas e projetos também de cunho rural. Sendo assim, o colégio despertou o nosso interesse por realizar um trabalho sobre conscientização ambiental à luz do Programa Despertar.

O Programa Despertar é um projeto que faz parte dos programas especiais do Serviço Nacional de Aprendizado Rural (SENAR), em parceria com os municípios aos quais atende, com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), com a Companhia de Eletricidade da Bahia (COELBA) e que tem o apoio da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (FAEB).

Atualmente o Programa Despertar está presente em 38 (trinta e oito) municípios baianos se propondo a promover capacitação em EA nas escolas de comunidades rurais através de diversas atividades educativas baseadas em projetos

interdisciplinares que visam à conscientização da necessidade e importância da preservação ambiental e do desenvolvimento da consciência ecológica.

Segundo o SENAR (2008), a missão do SENAR/BA é desenvolver ações para a Formação Profissional Rural (FPR) e atividades de Promoção Social (PS), voltadas para as comunidades do meio rural. E, comprometido com esse propósito, criou em 2005 o Programa Despertar, alegando acreditar que está na educação o caminho para formar cidadãos conscientes da importância da preservação da sociedade e do meio ambiente.

Ainda para o SENAR (2008), a perpetuação do planeta e da espécie está intrinsecamente relacionada à preservação ambiental, portanto é necessário que o ser humano moderno esteja disposto a construir e a disseminar a consciência ecológica, o que justifica a importância do Programa Despertar nesse processo, pois é a partir dele que o SENAR – BA assume a árdua tarefa de conscientizar os cidadãos rurais para que eles se tornem aptos a exercerem sua cidadania e contribuir para a construção de um mundo mais sustentável. Sua meta para 2008 é implantar o Programa Despertar, gradativamente, em 100 (cem) municípios baianos. O Programa Despertar que é respaldado pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e enfoca principalmente os temas transversais: Meio Ambiente, Ética e Cidadania, Saúde e Trabalho e Consumo, trabalha exclusivamente, com comunidades rurais baianas, no sentido de propagar a conscientização ecológica nessas populações para o reconhecimento e a preservação do meio ambiente enquanto provedor da vida na Terra, através de atividades pedagógicas, ou seja, o foco principal são as crianças e a escola, para que a partir de então essa conscientização se estenda por toda a comunidade. Segundo o SENAR (2008), o Programa Despertar age visando atingir o seu objetivo principal, que é

promover uma educação voltada para a formação de uma consciência ecológica, a fim de que essa educação seja a alavanca para a concretização de mudanças comportamentais direcionadas à saúde, à cidadania, à preservação ambiental, ao agir ético e aos cuidados com o consumo, visando formar cidadãos empenhados na defesa da sociedade e do meio ambiente em que vivem por meio de uma ação conjunta escola/comunidade rural (SENAR, 2008, s/p).

Mas, para atingir o seu objetivo geral, o Programa Despertar precisa delimitar as suas ações, ou seja, precisa estabelecer os seus objetivos específicos, as fases de

trabalho que precisa cumprir dentro das comunidades nas quais está engajado para, assim, alcançar a sua meta. Desse modo, os objetivos específicos do Programa Despertar são:

Formar cidadãos capazes de valorizar e preservar o meio ambiente em que vivem.
 Capacitar professores para desenvolver ações estratégicas sobre os temas transversais, com atividades pedagógicas significativas.
 Promover a integração Escola/Professor/Aluno/Comunidade Rural.
 Contribuir para a formação profissional do trabalhador e do produtor rural do futuro (PROGRAMA DESPERTAR, s/d, s/p).

Dentro dos temas transversais, o Programa Despertar adapta o seu planejamento dividindo subtemas que são distribuídos entre as séries escolares. Para o ano de 2008, tem-se a seguinte subdivisão, já adaptada à nova formatação da educação fundamental que, atualmente, substituiu as séries pelos anos escolares. Assim, segundo o SENAR (2008), o planejamento para este ano ficou da seguinte maneira: A Descoberta do Meio Ambiente, para o 1º ano; Biodiversidade, para o 2º ano; Água, para o 3º ano; Resíduos Sólidos, para o 4º ano; Solo/Clima, para o 5º ano; Vida e Meio Ambiente – Recursos Naturais, para o 6º ano; Meio Ambiente, Ética e Cidadania para o 7º ano; Meio Ambiente e Saúde, para o 8º ano e Meio Ambiente, Trabalho e Consumo para o 9º ano.

O Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires está atuando este ano dentro destes temas propostos pelo Programa Despertar, no entanto o trabalho está sendo realizado só até o 5º ano do Ensino Fundamental, pois até o momento da realização da pesquisa, o colégio só havia recebido o material didático correspondente até este segmento de ensino, o que de certa forma, prejudica o desenvolvimento do trabalho, já que este se torna fragmentado.

Seguindo as orientações do Programa Despertar, o colégio trabalha de maneira diferenciada com cada segmento do Ensino Fundamental, de modo que, ao trabalhar o tema A Descoberta do Meio Ambiente com os alunos do 1º ano, busca valorizar ao máximo o momento cognitivo por que passam as crianças enquanto estão nessa fase de avançado processo de apreensão e percepção de conhecimentos, o que facilita muito a compreensão de que “o meio ambiente oferece as condições essenciais para a sobrevivência dos seres humanos” (PROGRAMA DESPERTAR, s/d, s/p).

Já no 2º ano, ao trabalharem com a Biodiversidade, os alunos têm a oportunidade de conhecer uma gama de seres vivos que representam “a sustentabilidade do

Planeta, pela complexidade e interdependência de suas relações ecológicas” (PROGRAMA DESPERTAR, s/d, s/p), ampliando seus conhecimentos e descobrindo meios de contribuir para a melhoria da qualidade de vida do mundo.

No 3º ano, o tema principal é a Água, no qual se aborda a necessidade de que a humanidade assuma uma postura mais responsável perante o uso da água, percebendo que a racionalização deste recurso natural é imprescindível à sua manutenção e à sobrevivência humana.

No trabalho realizado com o 4º ano, o enfoque principal são os Resíduos Sólidos. Os alunos aprendem a importância de viver a prática dos 4 R's como o primeiro passo para a preservação do meio ambiente. Os dois primeiros R's são para que a humanidade Repense e Reduza a quantidade de resíduos sólidos espalhada pelo mundo; e os dois últimos pregam a Reutilização e a Reciclagem do lixo, ou seja, de uma enorme quantidade de resíduos sólidos que é despejada diariamente na superfície do Planeta.

E, finalmente no 5º ano, a escola vem trabalhando ao longo desse ano letivo o tema Clima/Solo, enfatizando a importância fundamental de trabalhar os fenômenos climáticos “para a compreensão do comportamento de todos os seres vivos e para compreender a formação do solo e do relevo” (PROGRAMA DESPERTAR, s/d, s/p) e a importância de conhecer as características do solo para “planejar as atividades agrícolas com certa segurança e também combater a poluição” (PROGRAMA DESPERTAR, s/d, s/p).

Ainda seguindo as orientações do Programa Despertar – lembrando que aqui não mais se trata da realidade do Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires, já que a mesma possui material didático para trabalhar apenas até o 5º ano – pode-se verificar que no trabalho realizado com o 6º ano, as escolas rurais adeptas ao Programa devem promover discussões com os alunos sobre Recursos Naturais, enfocando a idéia de que meio ambiente é “tudo o que cerca o ser vivo, que o influencia e que é indispensável à sua sustentação. Essas condições incluem solo, clima, recursos hídricos, ar, nutrientes e outros organismos” (PROGRAMA DESPERTAR, s/d, s/p).

No trabalho direcionado ao 7º ano, o foco principal das escolas é o tema Ética e Cidadania, enfatizando

a construção de uma sociedade em que os cidadãos sejam agentes de mudanças sociais que respeitem o próximo e ao meio ambiente, conheçam

seus direitos e deveres e exerçam efetivamente o seu papel de cidadãos (PROGRAMA DESPERTAR, s/d, s/p).

Desse modo, “trabalhar esses temas com os educandos significa resgatar a consciência moral como cerne do agir ético” (PROGRAMA DESPERTAR, s/d, s/p).

No 8º ano, o tema sugerido para o debate é a Saúde, partindo da premissa de que o indivíduo deve adotar hábitos saudáveis e de autocuidado e respeito com seu próprio corpo e também conhecer seus limites e, claro, cuidar do seu espaço de vivência, ou seja, “conhecer o espaço onde vive, a qualidade da água que bebe, a procedência dos vegetais que consome e o solo em que pisa, pois, tudo isso forma o Meio Ambiente” (PROGRAMA DESPERTAR, s/d, s/p). E cuidando do meio ambiente, automaticamente, o ser humano estará cuidando do seu físico, da sua mente, do seu espaço ambiental e, enfim, da sua saúde.

E, fechando o ciclo de trabalho do Ensino Fundamental, os alunos rurais do 9º ano, devem trabalhar com o tema Trabalho e Consumo, um tema em evidência e muito pertinente – assim como todos os outros citados – ao atual cenário socioambiental no qual a sociedade moderna está inserida. Nessa fase do trabalho o enfoque principal está em ensinar os alunos a construir uma sociedade na qual seja possível trabalhar e consumir com responsabilidade, sem agredir e degradar tanto o meio ambiente a fim de que essa mesma sociedade não venha sofrer, futuramente, consequências drásticas das suas próprias atitudes. Assim, para o Programa Despertar, estudar o tema Trabalho e Consumo

objetiva desenvolver uma consciência apoiada na crítica consistente à desenfreada exploração dos recursos naturais não – renováveis e na defesa das políticas públicas e privadas que se voltam para a sustentabilidade do meio ambiente (PROGRAMA DESPERTAR, s/d, s/p).

Para o Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires, a atuação do Programa Despertar, iniciada em junho de 2007, a partir da iniciativa do SENAR que contatou a Secretaria de Educação do município de Jacobina, é de extrema importância para o desenvolvimento dos seus alunos e da comunidade do Distrito de Itaitu em geral, pois as atividades propostas pelo programa valorizam a vida cotidiana da clientela da escola, despertando nos alunos o interesse em participar ativamente das aulas.

Segundo a Coordenadora Pedagógica da escola, Jeanine, o Programa Despertar é muito bom para ser trabalhado em comunidades rurais, por entender que os professores, por fazerem parte da comunidade e conhecerem bem a realidade do local em que vivem, devem ser os responsáveis pela elaboração do seu próprio

projeto de trabalho. Outro ponto positivo da atuação do Programa Despertar, ainda sob a ótica da coordenadora, é o fato de o material didático fornecido pelo programa se adaptar sempre a qualquer que seja o projeto em desenvolvimento, pois, as revistas (cartilhas) oferecidas aos alunos, os manuais oferecidos aos professores e os banners didáticos oferecidos à escola, são elaborados e confeccionados de maneira que se adequem às realidades e necessidades das inúmeras comunidades rurais espalhadas pelo Estado da Bahia.

Este ano (2008) o Colégio elaborou e vem trabalhando desde o primeiro semestre com o Projeto “Cuidando dos Nossos Rios”, pois o Distrito de Itaitu é cercado de belas cachoeiras e rios e reconhecido como um dos principais pontos turísticos do município, o que torna ainda mais evidente a preocupação com a preservação das águas.

Dentre o material didático elaborado e disponibilizado pelo Programa Despertar está o manual do professor. O manual do professor é um material pedagógico direcionado ao desenvolvimento da criticidade, tanto do professor quanto do aluno, pois oferece atividades práticas para ambos. O referido manual traz discussões atuais e pertinentes à problemática ambiental acerca da temática específica que abrange. Nesse caso específico do estudo de caso do Colégio, foi analisado o manual utilizado pelo professor da 3ª série (4º ano) do Ensino Fundamental, que trata do tema *Resíduos Sólidos*.

Todos os manuais do professor do Programa Despertar estão divididos em dois módulos: o *Módulo I – Aspectos Teóricos* e o *Módulo II – Manual de Atividades Práticas*. No Módulo I, o professor encontra toda a fundamentação teórica que embasa os assuntos do Programa de Educação Ambiental nas escolas. E no Módulo II, o professor tem à mão todo o suporte pedagógico necessário à realização de atividades práticas relacionadas ao Meio Ambiente com os alunos. Nesse módulo, além de o professor encontrar inúmeras sugestões de atividades, ainda dispõe de todas as informações necessárias à realização das mesmas, como materiais utilizados, orientações passo a passo da montagem e execução das atividades e ainda sugestões de questões pertinentes ao tema trabalhado para debater/discutir em sala de aula.

Os módulos são divididos em capítulos e cada capítulo subdividido em sete seções que seguem uma ordem de etapas a serem cumpridas pelo professor, a fim de que este estimule também nos alunos a execução dessas etapas, obtendo assim, bons resultados no processo de ensino-aprendizagem da EA.

Tais seções contemplam as seguintes etapas de ensino-aprendizagem:

1. **Despertando:** nesta seção, o professor é convidado a refletir sobre o tema de cada capítulo, a partir dos conhecimentos prévios que suscitam a elaboração do pensamento sistêmico, criativo e autônomo. Sugere-se a utilização de recursos textuais como histórias, poesias, músicas, entre outros;
2. **Descobrendo:** seção de textos informativos e científicos que conceituam e informam sobre o tema abordado em cada capítulo;
3. **Pensando:** seção destinada à elaboração pessoal. É o momento de se questionar e concretizar o pensamento reflexivo e argumentativo, a fim de relacionar o conteúdo estudado com o cotidiano;
4. **Pensando e Agindo Localmente:** seção na qual o tema é discutido propiciando ao professor refletir a partir do contexto da realidade local da comunidade, para promover ações concretas;
5. **Pesquisando:** seção que possibilita a ampliação do conhecimento científico, incentivando o professor a realizar pesquisas a partir de levantamentos bibliográficos;
6. **Orientações Didáticas:** seção que orienta o fazer pedagógico, para que cada assunto estudado seja posto em prática através das atividades realizadas em sala de aula, sob a orientação do professor;
7. **Refletindo:** seção destinada às discussões e questionamentos dos temas transversais: *Meio Ambiente, Ética e Cidadania, Saúde, Trabalho e Consumo*, convidando o professor a refletir a complexidade da temática ambiental, já que ela não pode ser dissociada das questões sociais, culturais e políticas.



Figura 04: Material didático do Programa Despertar: Manual do Professor (acima) e cartilhas dos alunos e fôlderes (abaixo).
Foto: Livia Seixas.

Dentro da proposta do projeto os professores costumam realizar aulas de campo com os seus alunos, percorrendo trilhas e visitando cachoeiras a fim de alertá-los sobre a importância de se conscientizarem que devem preservar e defender o meio ambiente, a partir do meio ambiente em que vivem, ou seja, se tornarem verdadeiros cidadãos preocupados e comprometidos com a preservação do seu ambiente natural e social.

Quando as escolas ingressam no Programa Despertar, seus professores recebem capacitação através de aulas para que aprendam a trabalhar com os alunos das comunidades rurais de maneira pertinente e, por isso, todo o material didático fornecido pelo programa é redigido com uma linguagem específica, direcionada às comunidades rurais, ou seja, os personagens das histórias são, dentre outros, os animais e as plantas com os quais os alunos estão acostumados a conviver

diariamente, como por exemplo, na história que conta o que acontece com os bois e as vacas quando eles engolem um saco plástico.

Durante o período em que participam do Programa Despertar, as escolas rurais têm suas atividades e eventos, tanto realizados pelas escolas quanto pelas comunidades, observadas com freqüência – sob pena de serem excluídas do programa se for constatada falta de comprometimento com o mesmo. Tais atividades e eventos são divulgados no Informativo *on line*, um jornalzinho eletrônico quinzenal veiculado pelo Programa Despertar com apoio da FAEB e do SENAR em parceria com o SEBRAE e a COELBA, que mostra para a sociedade os resultados dos trabalhos dessas parcerias ecológicas e cidadãs entre as escolas e comunidades e o Programa Despertar. Nesse informativo podemos encontrar também diversas informações como calendário ecológico, prestação de contas das visitas aos municípios, os cronogramas de viagem do programa para realização das visitas às comunidades, anúncios de congressos, concursos, exposições, caminhadas e workshops ecológicos, dicas para economizar água e energia, poesias, receitas caseiras para combater doenças de animais e etc. O objetivo principal desse informativo é proporcionar às comunidades que possam trocar informações e experiências entre si, a fim de compartilhá-las.

Assim sendo, o Programa Despertar se propõe a promover, além da conscientização ambiental, também a mobilização da percepção ambiental nessas comunidades, pois quando percebemos a importância do meio ambiente a nossa volta, despertamos para a manutenção do mesmo. E quando essa conscientização ecológica inicia com as crianças é ainda mais fácil obter bons resultados, pois como disse a coordenadora Jeanine, os meninos de Itaitu ao invés de matar os pássaros com estilingues e prendê-los em gaiolas, agora, deixam-nos livres para voar.

2 O CONSTRUTO PERCEPÇÃO E SUA ARTICULAÇÃO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Este capítulo propõe-se a oferecer conceitos e definições do construto percepção, enquanto fenômeno biopsicossocial do sujeito, ou seja, enquanto uma forma de apreender, de perceber o ambiente ao seu redor.

Compreendido este ponto, a discussão passará para o plano da percepção ambiental, suas concepções, formas de apreensão e de existência, bem como sua relação com a Educação Ambiental (EA).

2.1 A percepção

O indivíduo percebe através dos sentidos vitais – visão, audição, tato, olfato e paladar. E é através desses sentidos que a pessoa percebe os “usos e hábitos que constituem a manifestação completa do lugar [...]” (FERRARA, 1993, p.153), ou seja, os signos que dão forma à paisagem e possibilitam a percepção e também a percepção ambiental.

No entanto, segundo Merleau-Ponty, “constrói-se a percepção com estados de consciência, assim como se constrói uma casa com pedras, e se imagina uma química mental que faça esses materiais se fundirem em um todo compacto” (1999, p. 46),

De fato, para o autor, a percepção não é mero produto dos sentidos, e sim, proveniente da consciência do indivíduo sobre determinado assunto ou fato, pois o que concretiza a percepção do algo a ser percebido é exatamente o nível de conscientização que se tem acerca desse algo.

É importante destacar também que os referidos signos (usos e hábitos) ao mesmo tempo em que proporcionam a percepção de determinado lugar, também contribui para o mascaramento do mesmo, assim como a ideologia, o afetivo e o cognitivo, de modo que, para Ferrara (1993), usos e hábitos reunidos, constroem a imagem do lugar, mas sua característica de rotina cotidiana projeta, sobre ela, uma membrana de opacidade que impede sua percepção, tornando o lugar, tal como o espaço, homogêneo e ilegível, sem decodificação. E é aí que vive o segredo da percepção, em ultrapassar essa “membrana de opacidade”, gerando conhecimento e informações a partir dessa informação camuflada, partindo do pressuposto de que “percepção é informação na mesma medida em que informação gera informação [...]” (p. 153), afinal, perceber consiste em visualizar algo perceptível, compreendê-lo e, finalmente, codificá-lo, ou seja, atribuir-lhe sentido e definição própria.

Para Gonçalves s.d., a percepção é o ponto de partida para se alcançar uma essência. Esta não varia com as alterações de um objeto ou com seu desaparecimento, esclarece os fatos conhecidos ao ser confrontada com eles e identifica um fenômeno, em qualquer circunstância de sua realização e da experiência sensorial efetiva, por ser sempre idêntica a si própria. Os fenômenos se dão a nós por intermédio dos sentidos, eles se dão sempre como dotados de uma essência.

A fenomenologia produz tanto conhecimentos intersubjetivos quanto subjetivos a respeito dos fenômenos que estuda porque parte do pressuposto da redução, se propõe a investigar os fenômenos partindo do todo até chegar às partes, ou seja, à essência do fenômeno em si.

A fenomenologia revela o mundo, ao descrever e interpretar fenômenos apresentados à percepção, examinar a relação entre o ser e a sua consciência, e capacitar a esta última de conhecimento para referir-se a objetos situados fora de si mesma (GONÇALVES, s/d).

Isto significa dizer, segundo o autor, que a fenomenologia revela e explica a essência das coisas e do mundo através da percepção, do simples fato de o homem poder perceber os fenômenos à sua volta. A percepção humana está situada no campo dos sentidos e da compreensão humana, a fim de captar a essência das aparências que o ser humano vê e percebe.

Para Merleau-Ponty (1999), a percepção só é possível de se compreender, de fato, se o “‘algo’ perceptivo” estiver envolto ou pertencer a uma efetiva estrutura perceptiva, isto é, àquilo que estimule a percepção do mesmo, afinal, “[...] a pura impressão [...] é [...] impensável como momento da percepção”. Desse modo, a percepção configura-se como uma idéia particular de cada indivíduo, cujas partes se unem para formar um todo de compreensão completa, ou seja, algo perceptível. “A percepção [...] se orienta, como para seu fim, em direção a uma verdade em si em que se encontra a razão de todas as aparências” (p. 85).

Perceber é mais do que simplesmente olhar ou ver algo; é sentir, é analisar, é compreender aquilo que se percebe, pois “uma pessoa que simplesmente ‘vê’ é um espectador, um observador, alguém que não está envolvido com a cena” (TUAN, 1980, p. 12). E mais ainda, em algumas situações para se perceber o “algo

perceptível”, é necessário que o mesmo seja vivido, como no caso, por exemplo, da percepção ambiental, pois a EA, a conscientização ecológica e a preservação ambiental são fatos que precisam ser percebidos, compreendidos e, sem dúvida, vividos pela sociedade.

O ser humano apreende a percepção quando começa a agregar consciência, ou seja, dar sentido, tornar conscientes os objetos, as pessoas e as situações a sua volta, percebendo-os a partir de ações imediatas, isto é, atuais e presentes e que estão diretamente ligadas à compreensão desses fatos, pessoas, objetos e situações, através dos sentidos humanos. É aí que se concentra o processo de apreensão da percepção pelo ser humano.

Em primeiro lugar, o homem é o sujeito perceptivo; aquele que tem o *feeling*, que percebe, afinal, perceber é uma característica inerente ao ser humano, entretanto, o ser humano, em geral, não tem uma noção concreta de por que percebe algo, apenas sabe que tem essa capacidade.

Por exemplo, o filósofo empirista considera um sujeito X prestes a perceber e procura descrever aquilo que se passa: *existem* sensações que são estados ou maneiras de ser do sujeito e que, a esse título, são verdadeiras coisas mentais. O sujeito perceptivo é o lugar dessas coisas, e o filósofo descreve as sensações e seu substrato como se descreve a fauna de um país distante – sem perceber que ele mesmo percebe, que ele é um sujeito perceptivo e que a percepção, tal como ele a vive, desmente tudo o que ele diz da percepção em geral. Pois, vista do interior, a percepção não deve nada àquilo que nós sabemos de outro modo sobre o mundo, sobre os *estímulos* tais como a física os descreve e sobre os órgãos dos sentidos tais como a biologia os descreve (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 279).

É aí que se observa a complexidade da discussão acerca da percepção. O próprio homem, sujeito perceptivo, procura explicar a percepção e se esquece que ele mesmo é esse sujeito e que está constantemente suscetível a perceber e, principalmente, a refutar as suas próprias teorias.

É comum, no cotidiano, associarmos a percepção às funções da memória, de modo que as recordações complementam a percepção, principalmente, no campo da percepção ilusória, que se configura como a ilusão daquilo que se julga perceber. A percepção não é um produto das recordações e sim dos sentidos auxiliados pelas recordações, de modo que estas últimas não podem ser consideradas percepções se junto a elas não “[...] jorrar de uma constelação de dados um sentido imanente

sem o qual nenhum apelo às recordações seria possível”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 47).

Pois, uma coisa percebida, se fosse composta de sensações e de recordações, só seria determinada pelo auxílio das recordações, ela nada teria então em si mesma que pudesse limitar-lhes a invasão, ela não teria apenas este halo de “movido” que sempre tem, nós o dissemos, ela seria inapreensível, fugidia e sempre beirando a ilusão (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 46).

De fato, foi a análise das ilusões – a percepção ilusória – que conferiu crédito a “projeção das recordações”,

[...] segundo um raciocínio sumário que é mais ou menos este: a percepção ilusória não pode apoiar-se nos ‘dados presentes’, já que eu leio ‘almoço’ ali onde o papel traz ‘alvorço’. A letra *m*, que se substituiu ao grupo *vor*, não sendo fornecida pela visão, deve vir então de outro lugar. Dir-se-á que ela vem da memória (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 45).

Sendo assim, a chamada “projeção das recordações” configura-se, na verdade, como uma teoria empírica, que apenas imagina descrever o processo de apreensão da percepção humana, a partir de premissas superficiais, como a associação do algo percebido com algo já visto anteriormente, afinal, esquecendo-se que

Recordar-se não é trazer ao olhar da consciência um quadro do passado subsistente em si, é enveredar no horizonte do passado e pouco a pouco desenvolver suas perspectivas encaixadas, até que as experiências que ele resume sejam como que vividas novamente em seu lugar temporal. Perceber não é recordar-se (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 48).

Para Teramussi (2008, p. 15 – 16)

percepção é o entendimento, a mediação entre o sujeito e o que está exterior a ele, ou seja, entre as pessoas e o meio em que se inserem. A paisagem pode ser compreendida justamente como fruto da percepção, da relação entre a subjetividade e a objetividade. A percepção é o instrumento do uso do espaço. Através dela é possível saber que há historicidade em relação a um dado espaço. É importante notar que para um mesmo objeto os processos perceptivos são diferentes de acordo com o contexto sócio-cultural no qual ele está inserido, já que a percepção está, sempre, atrelada à cultura. Cada grupo social e cada indivíduo que nele se insere vêem os objetos e os codificam de acordo com o próprio repertório.

Para esta autora, o ato de perceber está intrinsecamente ligado ao cenário cultural e socioeconômico no qual está inserido o indivíduo que percebe. Cada ser humano reflete aquilo que percebe, que visualiza e que acredita, de acordo com o seu entorno, ou seja, o indivíduo percebe o meio da maneira que ele se apresenta a sua

volta, seja como a pura e imaculada natureza, isenta de qualquer problema, com a qual o ser humano interage e vive uma relação romântica e de plena harmonia; ou como um meio ambiente tumultuado, no qual as relações humanas já se mostram conturbadas e ser humano e natureza vivem em constante conflito.

2.2 A percepção ambiental

Percepção é um termo abrangente e flexível que se adapta ao contexto histórico e social de cada fato, objeto, situação e paisagem. Na percepção ambiental não é diferente, pois os estudos realizados nessa área investigam “as relações que determinada comunidade estabelece com o ambiente em que vive: relações de ordem cognitiva, afetiva e ética”, afinal, “o estudo de como sente, pensa e age uma comunidade, no âmbito da paisagem vivida, pode se dar no campo da percepção ambiental” (TERAMUSSI, 2008, p.16).

Para a autora o estudo de uma comunidade, no âmbito da paisagem na qual ela se insere deve, sem dúvida, ocorrer no campo da percepção ambiental, pois é justamente nesse campo de conhecimento que se encontram os meios mais corretos para uma investigação acerca desse tema, pois, no termo percepção ambiental estão associados os dois conceitos essenciais para a compreensão de fenômenos como os propostos em estudos de caso como este.

O termo “percepção” para os estudos de percepção ambiental costuma incluir, além das percepções bio-fisiológicas, as imagens que formamos sobre o mundo vivido, nossas memórias, experiências, predileções, interpretações, atitudes, julgamentos e expectativas (DEL RIO, 1991 *apud* TERAMUSSI, 2008, p. 17). A percepção ambiental está atrelada ao contato com os elementos externos (objetivo e coletivo) e internos (subjetivo e individual) da experiência, e é tida como a expressão humana sobre sua realidade ambiental por intermédio de suas experiências e expectativas (FERREIRA, 2005 *apud* TERAMUSSI, 2008, p. 17).

Segundo Del Rio & Oliveira (1996) e Fernandes et al *apud* Silva e Pacheco (2006), num primeiro olhar, pode-se perceber que o conceito de percepção ambiental vai da fisiologia à semiótica, passando pelas representações sociais ou pelo funcionalismo. No campo da fisiologia, a percepção ambiental engloba o conceito oriundo da

organicidade do tema, direcionado ao aspecto naturalista da questão ambiental. Já no campo da semiótica, o conceito de percepção ambiental percorre a linha da simbologia, ou seja, da percepção no seu mais puro sentido de perceber, de ver, de representar algo.

A percepção da percepção ambiental depende, antes de qualquer coisa, da apreensão da consciência ecológica; o ser humano precisa desenvolver e agregar ao seu estilo de vida a sua face de “sujeito ecológico”, entretanto, ser um “sujeito ecológico” não significa que o indivíduo deve se afiliar ao Greenpeace, por exemplo. Basta incorporar ao seu cotidiano “[...] atitudes e comportamentos ecologicamente orientados” (CARVALHO, 2004, p. 65), o que também não quer dizer atitudes e comportamentos naturalistas e sim atitudes e comportamentos orientados pela consciência ecológica.

Desse modo, a percepção ambiental pode significar uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, ou seja, a conscientização do ser humano para que ele perceba o ambiente no qual está inserido, aprendendo a proteger e a cuidar do mesmo e, conseqüentemente, de si mesmo e dos seus semelhantes. Porém, cuidar do meio ambiente aqui denota um cuidado no sentido político da palavra, um cuidar impregnado de consciência ecológica. Um cuidar embasado pelas influências culturais, sociais e econômicas com o intuito de promover uma vida mais saudável aos habitantes da Terra.

Para Carvalho (2004), a consciência ecológica parte do destaque da discussão acerca da ecologia “como crítica à sociedade de consumo, criando a expectativa de uma nova sociedade”. A consciência ecológica começa a acontecer quando o ideário ambiental é discutido no âmbito político e crítico, levando a problemática ambiental a público, isto é, colocando-a em foco e desvencilhando-a da simplória imagem naturalista à qual é comumente atrelada.

A crítica ecológica situa-se entre as vozes contestatórias do estilo de vida contemporâneo, denunciando sua face materialista, agressora do meio ambiente e bélica. Isso, contudo, não significa que o ecologismo abandone todos os ideais da modernidade ocidental, pois continua preconizando valores éticos e democráticos, bem como uma educação virtuosa do sujeito ecológico (CARVALHO, 2004, p. 48 – 49).

Para a autora cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive. As respostas ou manifestações daí decorrentes são resultados das percepções (individuais e coletivas), dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada pessoa.

Desta forma, o estudo da percepção ambiental é de fundamental importância para que possamos compreender melhor as relações entre o ser humano e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas.

Para Ferrara (1993), a percepção ambiental expõe a lógica de organização da linguagem dos signos que expressam os usos e hábitos de um lugar. Ainda para a autora, a percepção ambiental é o modo como o indivíduo traduz, reflete a imagem de determinado lugar, veiculada aos signos culturais que constrói em torno de si, de modo que, sob esta ótica, a percepção ambiental é revelada mediante uma leitura semiológica da produção discursiva, artística, arquitetônica, etc., de uma comunidade, ou seja, a partir dos signos que expressam as referências culturais dessa comunidade.

E como exemplo dessa conceituação semiótica que percorre as representações sociais, principalmente, quando se fala em valores e identidades, observa-se uma pesquisa desenvolvida por Ianni (1999) apud Silva e Pacheco (2006) na periferia de São Paulo, na qual o autor utiliza o conceito de percepção ambiental como significando, em primeiro lugar, a representação que uma população tem sobre o seu meio ambiente, mostrando que a esse sentido se agregam termos como valores, identidades, interpretações sobre as relações e conhecimentos acumulados dos processos vitais.

Segundo Carvalho, I (2002) apud Silva (2007), em países como a Austrália e parte dos Estados Unidos a EA parece se constituir de início como uma ação pedagógica mais ligada ao conservadorismo, ao manejo de áreas naturais e a educação formal, enquanto que no Brasil e em alguns outros países da América Latina foi uma prática que nasceu e ganhou força nos movimentos sociais e na difusão da temática na sociedade para depois ingressar e ser legitimada na esfera educativa institucional propriamente dita.

O fato é que esse processo social da EA no Brasil se deu, principalmente, nos grandes centros e capitais. Em comunidades rurais, pequenos povoados, distritos e até mesmo em algumas pequenas cidades interioranas, essa é uma prática ainda incipiente e que caminha a passos curtos a fim de se estabelecer na consciência das pessoas.

Entretanto, está cada vez mais presente também na vida da população rural e interiorana a necessidade de lhes ser apresentada a EA, pois atualmente, vive-se em um cenário social cuja preservação ambiental é crucial para a manutenção da humanidade na Terra, pois a degradação se alastra mais e mais a todo o momento e, na maioria das vezes, o grande culpado desse fato atual, real e aterrorizante é o ser humano.

2.3 Percepção e educação ambiental

Neste estudo de caso, será investigada a consciência ambiental e a percepção ambiental dos alunos e professores do Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires, a partir da atuação do Programa Despertar dentro do colégio e do Distrito de Itaitu, a fim de se compreender e diagnosticar se e como essa população vive e aplica tanto a educação quanto a percepção ambiental no seu dia a dia, dentro do ambiente no qual vive e está inserido.

Atualmente, o tema meio ambiente vem se tornando um assunto comum e prioritário na sociedade brasileira, principalmente depois da realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92), realizada na cidade do Rio de Janeiro, em 1992 e, mais recentemente, da Conferência Infanto-Juvenil e da Conferência Nacional de Meio Ambiente, ambas realizadas em Brasília, no ano de 2003.

Após esses eventos, muito se falou e vem se falando sobre meio ambiente no Brasil, entretanto, ainda é incipiente o estudo acerca da percepção ambiental dos indivíduos e, principalmente, acerca da real dimensão dos fatores ambientais – tanto os de impacto quanto os de preservação – e seus efeitos sobre o ambiente como um todo (natureza, sociedade, economia, cultura, educação, etc.).

Mas, antes de iniciar uma discussão sobre percepção ambiental, é imprescindível ter claro um conceito essencial à compreensão dessa temática: Educação Ambiental (EA).

Segundo Loureiro (2003), entende-se Educação Ambiental como

uma práxis educativa que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes capazes de possibilitar o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente. Contribui para a implementação de um padrão civilizacional distinto do vigente, pautado numa nova ética da relação sociedade-natureza.

A EA é uma dimensão da educação regular, destacando-se por direcionar seu foco à discussão acerca de uma educação voltada para a conscientização ecológica. Tal conscientização busca refletir no indivíduo a necessidade de cuidar do seu local de vivência, de trabalho, de lazer; de fazer com que ele perceba que esse meio ambiente no qual vive, trabalha e se diverte, é a principal fonte de vida humana; e que se não se conscientizar, sofrerá ainda mais – pois, já sofre – as conseqüências dessa destruição ambiental desenfreada que, infelizmente, presenciamos constantemente. Só quando o ser humano perceber o meio ambiente como a verdadeira essência da sua vida e o seu local de relacionamento é que compreenderá, de fato, a importância da EA, enquanto instrumento de conscientização ecológica.

É por isso que a percepção ambiental e a EA se complementam, pois a partir do momento em que o indivíduo se educa para interagir com o meio ambiente, compreendendo a importância de se conscientizar para a preservação ambiental, conseqüentemente, ele começa a construir valores e conceitos de senso crítico e a perceber as necessidades do meio ambiente e as conseqüências da sua participação sobre esse meio, de modo que, agora, a consciência ambiental entra em jogo como uma maneira de se preservar também a vida humana no planeta.

Por essa razão, é tão importante a conscientização em EA das comunidades rurais porque são elas que, dentre outras coisas e seres, contribuem ativamente para o provimento da vida humana no planeta, afinal, é da roça que sai todo o alimento que chega até nós e nos mantém vivos, o que deveria ser motivo mais que suficiente

para tocar a consciência do ser humano acerca do mal que ele está causando a si próprio e aos seus.

Partindo dessa premissa é importante que conheçamos as duas principais vertentes da EA: a conservadora e a emancipatória, a fim de distinguirmos as duas para atuarmos com criticidade na resolução dos problemas socioambientais, dos quais, na maioria das vezes, somos os principais responsáveis.

Para Guimarães (2000, p. 19), a vertente conservadora da EA nos remete a uma visão naturalista de mundo comprometida com o interesse de manter em prática o modelo vigente de sociedade, grupo ou hábito; enquanto que o termo crítico propõe transformações sociais em prol da igualdade e da justiça social, caracterizando a vertente emancipatória da EA.

Segundo Gramsci *apud* Guimarães (2000), podem ser delineadas duas grandes linhas de propostas para a educação: uma vinculada aos interesses populares de emancipação, de igualdade social e melhor qualidade de vida que se reflete em melhor qualidade ambiental (vertente emancipatória); e outra que assume prioritariamente os interesses do capital, da lógica do mercado, defendida por grupos dominantes (vertente conservadora).

Sendo assim, ainda para este autor, o importante “neste momento de estruturação de uma nova ordem mundial em um contexto neoliberalizante” é procurar qualificar cada vez mais a Educação Ambiental apresentada, a fim de se especificar em qual vertente se enquadra a EA praticada atualmente, pois, tem se observado uma “homogeneização e superficialização” do discurso ambiental.

Tal “homogeneização e superficialização” se refletem, principalmente, em dois aspectos: a não demarcação das diferentes concepções da EA e a EA vista como um grande consenso social. No primeiro aspecto, a EA significa apenas a preservação da natureza, sem importar quem deve preservá-la, para quem e por que preservá-la; no segundo aspecto, referente ao consenso em EA, supõe-se que toda a população mundial dispõe das mesmas condições sociais e compartilha das mesmas opiniões e recursos, tanto financeiros quanto educacionais, supondo que

desenvolver e vivenciar a consciência ecológica é tão simples quanto regar as plantas do quintal.

Entretanto, essa discussão vai muito além de toda essa bela utopia, pois, tal generalização do meio ambiente e também do ser humano, acaba acarretando uma total degradação, tanto de um como do outro, de modo que o ser humano por não conhecer a natureza a sua volta e da qual faz parte, geralmente, contribui ativamente para a deterioração desenfreada da mesma. Essa degradação gradual e constante atinge, em determinado momento, um estágio de poluição e destruição irreversível que é facilmente constatado se observarmos a atual situação do nosso meio ambiente.

Por essas e outras situações é que se faz necessária uma atenção especial para a EA, bem como para a consolidação de uma educação especialmente voltada para o campo, priorizando as necessidades e características próprias desse ambiente e do aluno do campo.

Para tanto, segundo o MEC (2008), o Conselho Nacional de Educação implementou as Diretrizes Operacionais para Educação Básica do Campo (CNE/CEB nº1. 3/04/02), que tem como meta principal pôr em prática uma política de Educação que respeite a diversidade cultural e as diferentes experiências de educação em desenvolvimento, em todas as regiões do País, como forma de ampliar a oferta de educação de jovens e adultos e da educação básica nas escolas do campo. Tais diretrizes se originaram a partir da realização de diversos seminários estaduais de educação do campo, nos quais os representantes de instituições e entidades ligadas às questões rural e educacional têm a oportunidade de discutir estratégias, produzir subsídios, elaborar propostas para uma política nacional e criar uma esfera pública de tomada de consciência acerca da educação no campo.

Segundo Sauv  (1996-a) *apud* Sato (1997), o estudo fenomenológico da teoria e da prática em EA identifica seis concep es paradigmáticas sobre o ambiente:

1. **Ambiente como a natureza para ser apreciado, respeitado, preservado**, no qual “os seres humanos estão dissociados” da natureza e esta “  como uma catedral, que devemos admirar e respeitar”.

2. **Ambiente como um recurso para ser gerenciado**, pois, “essa é a nossa herança coletiva biofísica, que sustenta a qualidade de nossas vidas”.
3. **Ambiente como um problema para ser resolvido**, “nós devemos aprender a preservar e a manter a sua qualidade” através de “estratégias educativas”.
4. **Ambiente como um lugar para se viver, para conhecer e aprender sobre, para planejar para, para cuidar de**, “esse é o nosso ambiente do cotidiano [...] caracterizado pelos seres humanos, nos seus aspectos socioculturais, tecnológicos e componentes históricos”.
5. **Ambiente como a biosfera onde devemos viver juntos, no futuro**, “esse é o mundo de interdependência entre os seres vivos e inanimados, que clama pela solidariedade humana”.
6. **Ambiente como projeto comunitário, onde somos envolvidos**,

“o ambiente faz parte da coletividade humana, é o lugar dividido, o lugar político, o centro da análise crítica, [...] clama pela solidariedade, pela democracia e pelo envolvimento individual e coletivo para a participação e a evolução da comunidade” (p. 12).

Tais concepções apontam para os diversos enfoques e visões abordados em relação ao meio ambiente, demonstrando as várias maneiras de interpretá-lo. Desse modo, não se trata de escolher aquela que gostamos mais ou a mais fácil para trabalhar, temos é que refletir a realidade e as necessidades dessa realidade e dos atores que a compõem, a fim de promover uma interpretação holística e pautada na interdisciplinaridade.

A EA pretendida no Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires tem tudo para se tornar um modelo excepcional de trabalho na área, pois, o ponto crucial desse trabalho é a conscientização ecológica da comunidade, principalmente, alunos e professores da escola, já que o propósito do Programa Despertar é justamente oferecer uma capacitação que se inicie na escola, com os professores, destes se estenda aos alunos e em seguida se espalhe por toda a comunidade, num ciclo constante, promovendo uma educação voltada para a formação da educação e da consciência ecológica, através de atividades iniciadas na escola, ou seja, através de uma proposta pedagógica que prioriza o “pensamento reflexivo e argumentativo” (RESÍDUOS SÓLIDOS, MANUAL DO PROFESSOR, 2007, p. 5).

3 A ANÁLISE DE DADOS

No capítulo referente a análise de dados, serão apresentadas as estratégias utilizadas para a coleta das informações necessárias à realização da pesquisa, bem como os tipos de instrumentos utilizados e como foram aplicados, se houve dificuldades e/ou facilidades quando da aplicação dos mesmos.

Aqui também justificaremos a escolha da utilização do método da Análise de Conteúdo nessa pesquisa e, por fim, procederemos à análise dos dados, a fim de divulgar e discutir os resultados da mesma.

Nesse momento da análise dos dados, apresentaremos os sujeitos participantes da pesquisa e suas características principais, pertinentes ao desenvolvimento da pesquisa.

3.1 As estratégias para coleta dos dados

Os dados aqui analisados foram obtidos mediante visita da pesquisadora ao Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires, localizado no Distrito de Itaitu, a fim de aplicar questionários (instrumentos de coleta de dados) com questões abertas, aos professores e alunos do referido colégio.

Os questionários aplicados, tanto aos alunos quanto aos professores, foram elaborados com questões abertas, facilitando assim, a liberdade de resposta dos participantes da pesquisa, bem como contribuindo para uma maior riqueza de detalhes da mesma.

O questionário aplicado aos alunos foi composto de 11 questões, sendo 10 abertas (inclusive, desenho) e 1 fechada. Essa única questão fechada se referia aos itens que os alunos tinham em suas casas e, por isso, a exceção, pois o nosso interesse nesse sentido, era verificar a existência de itens relacionados, principalmente, aos meios de comunicação, como: aparelho de TV, rádio, telefone celular, entre outros. Os únicos dois itens presentes na relação e que divergiam dessa linha de produtos eram geladeira e fogão a gás, utilizados aqui apenas para termos alguma noção da esfera econômica em que os alunos vivem, já que se trata de uma comunidade rural. Dentre as 10 perguntas restantes procuramos verificar informações sobre a identidade de cada aluno como, nome, idade, série e onde e com quem vivem

(moram). O questionário apresentou ainda uma questão na qual cada aluno foi convidado a desenhar o meio ambiente e, em seguida, nomear cada elemento presente no seu desenho. Assim, queremos compreender o que é o meio ambiente para esses alunos e como eles percebem o meio ambiente a sua volta. Compreender, tanto através da imagem desenhada, quanto dos elementos por eles destacados nos desenhos, em qual vertente da EA se encaixa a compreensão e a percepção ambiental desses alunos.

As demais questões abertas foram elaboradas de maneira que os alunos pudessem expressar suas opiniões acerca do meio ambiente em geral e do meio ambiente no qual vivem e participam diariamente, bem como expressar qual a participação da escola na formação dessa opinião. As referidas perguntas pedem as chamadas “respostas pessoais” e, portanto, são questões do tipo: *O que é natureza? O que devemos fazer para cuidar da natureza? Como está o meio ambiente a sua volta? De quem é a obrigação de cuidar do meio ambiente?* e *O que você aprende na escola sobre meio ambiente?* Tais questões pretenderam identificar o senso crítico dessas crianças, se a escola está realmente lhes ensinando a pensar e a construir a sua criticidade acerca de assuntos importantes e polêmicos como é a temática ambiental.

Os alunos convidados a participarem da pesquisa se mostraram interessados em responder a “atividade” e a fizeram sem nenhuma resistência e, inclusive, capricharam nos desenhos. O único ponto considerado negativo aqui foi o fato de alguns alunos terem respondido o questionário parcialmente, deixando algumas das atividades propostas pela metade, como por exemplo, houve aqueles que fizeram o desenho solicitado, mas não identificaram os elementos do mesmo ou então responderam algumas questões e outras não, o que certamente, dificultou a análise dos dados e a obtenção dos resultados da pesquisa.

O questionário dirigido aos professores constituiu-se de 13 questões, todas abertas. Dentre elas, solicitou-se informações referentes às suas identidades pessoais, suas atividades profissionais, tempo de serviço no colégio, escolaridade, carga horária de trabalho, local de trabalho, área de formação (curso de graduação, se houver) e cursos de capacitação e/ou especialização em EA. Infelizmente, a maioria dos professores resistiu muito em responder ao questionário, alegando falta de tempo, dificuldade em responder às perguntas e até mesmo desinteresse em participar da pesquisa.

Os referidos questionários pretenderam verificar, principalmente, o nível de formação desses professores e se têm capacitação adequada para trabalhar a EA na sala de aula com alunos da zona rural.

O questionário aplicado aos professores contemplou as seguintes perguntas referentes à temática ambiental: *Para você, o que é EA? Como a EA deve ser trabalhada na sala de aula? Por que? Há recursos disponíveis para trabalhar a EA na sala de aula? Quais? Há dificuldades para trabalhar a EA na sala de aula? Quais? Você gosta de trabalhar EA com o Programa Despertar? e Como é trabalhar EA na sua escola a partir do Programa Despertar? O Programa oferece algum incentivo, material, assistência a professores e alunos?* O objetivo principal dessas perguntas foi verificar como esses professores percebem o meio ambiente a partir do Programa Despertar e como trabalham essa temática com seus alunos, principalmente, levando-se em consideração a realidade de comunidade e escola rural nas quais os seus alunos estão inseridos.

3.2 Os procedimentos para análise dos dados

Aqui neste trabalho, a Análise de Conteúdo foi escolhida para sustentar a pesquisa, por se tratar este estudo de caso de uma investigação que tem por finalidade principal compreender como se dá a percepção ambiental dos professores e alunos no Distrito de Itaitu, a partir da atuação do Programa Despertar no Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires, ou seja, esse trabalho deseja compreender como a população rural convive e lida como meio ambiente a sua volta; como tratam a natureza do lugar onde moram; se conseguem perceber e associar em cotidiano relações entre a sociedade e a natureza.

Bardin (1977) afirma que “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p. 38).

Essa análise de comunicações se reflete, principalmente, na análise das entrelinhas da comunicação, de modo que, neste tipo de análise a compreensão da subjetividade se configura como imprescindível ao alcance do objetivo traçado.

A análise será realizada utilizando-se como base o método da Análise de Conteúdo que, segundo Campos (2007), serve ao pesquisador como forma de buscar na

subjetividade do indivíduo o real significado do que ele realmente está falando, se expressando.

Para Bardin, o objeto da “análise de conteúdo é a palavra, isto é, o aspecto individual e actual (em acto) da linguagem” (1977, p. 43). Assim, a autora corrobora a busca da subjetividade sugerida por Campos (2007), trazendo a análise de conteúdo para o campo da análise da essência do fenômeno ao qual se propõe investigar.

Conforme Campos, o método da Análise de Conteúdo sofre muitas críticas no meio científico e acadêmico devido ao fato de se dizer que os seus resultados estão baseados “[...] em ‘adivinhações’, ‘achismos’, ‘invenções’ [...]” e também pela “[...] alegação de que tal análise se baseia na interpretação [...]” (2007, p. 265).

O fato é que tanto uma quanto a outra crítica tem uma parcela de fundamento, afinal, para analisar uma entrevista, um questionário ou qualquer outro instrumento de coleta de informação, o pesquisador tem que nortear o seu trabalho através da “[...] inferência [...] advinda da dedução, da compreensão, do significado no qual o pesquisador se debruça para, como que com uma lupa, desvendar a fala, as ações corridas” (Campos, 2007, p. 265). E quando se associa a análise de conteúdo à interpretação, o que ocorre é que, de fato, a interpretação é a base de tal análise, possibilitando ao pesquisador a atração pelo que está camuflado nas entrelinhas, pronto para ser investigado, desvendado e, finalmente, os resultados são apresentados ao público.

O que se deve ter claro e em mente com relação à análise de conteúdo é que tal método, ao ser aplicado em uma pesquisa, por um investigador, é realizado “[...] dentro dos rigores científicos de quem se propõe a fazer ciência” (CAMPOS, 2007, p. 265), ao contrário do que se pensa de que a análise de conteúdo não passa de um método empírico e que não pode ser comprovado cientificamente.

Segundo Bardin, “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (1977, p. 38).

Para Campos, “a Análise de Conteúdo tem um objetivo primeiro que é interpretar os significados dos fenômenos apresentados ao pesquisador, os quais tanto a pessoa como a sociedade não compreendem” (2007, p. 266).

Apesar da diferença cronológica, aqui as concepções dos dois autores citados se complementam, pois enquanto Campos (2007) coloca a análise de conteúdo como forma de interpretar o desconhecido até então, Bardin (1977) explica que essa interpretação ocorre através de inferências baseadas em indicadores sejam eles quantitativos ou não.

3.3 Analisando os dados

Aqui descrevemos e analisamos, de fato, os dados coletados durante a pesquisa de campo e os resultados obtidos na mesma, respectivamente. Tais dados foram disponibilizados pelos participantes da pesquisa e foi a partir dessas informações que verificamos a percepção ambiental de ambos.

Optamos por analisar os dois segmentos participantes da pesquisa (professores e alunos) separadamente. Primeiro, analisamos as informações provenientes dos alunos e das observações realizadas sobre os mesmos. E, em seguida, procedemos da mesma forma com as informações e observações acerca dos professores. Finalizada a análise descritiva dos dados, passamos à discussão dos resultados obtidos, bem como, a pontuar as positivities, negatividades e necessidades concernentes ao tema investigado.

Sendo assim, apresentaremos os dados referentes à análise da percepção ambiental dos alunos do Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires à luz do Programa Despertar.

3.3.1 Sobre os Alunos

Participaram da pesquisa 25 alunos, da 3ª série (4º ano) do Ensino Fundamental, turma B, turno matutino. A turma compreende crianças de uma faixa etária que varia entre 8 a 14 anos de idade; e é também, uma turma com predominância feminina: 13 meninas para 12 meninos, ou seja, 52% da turma é composta por meninas e os 48% restantes por meninos.

Dentre as 25 crianças pesquisadas, 8% têm 8 anos de idade, 20% têm 9 anos de idade, outros 20% têm 10 anos de idade, 16% têm 11 anos, 12% têm 12 anos, 16% têm 13 anos e 8% têm 14 anos de idade e, somando esses percentuais, temos 100% dos alunos pesquisados.

Tabela 1 – Variação da faixa etária dos alunos pesquisados, 2008

Idade (anos)	Quantidade de Alunos (%)
8	8%
9	20%
10	20%
11	16%
12	12%
13	16%
14	8%
TOTAL	100%

De acordo com os dados da tabela acima, constatamos uma grande diferença de idade entre alunos de uma mesma turma, visto que o intervalo de tempo entre as idades chega até 6 anos de diferença entre algumas crianças. Entretanto, no decorrer da exposição dos dados analisados, poderemos constatar também que tal diferença de idade não significa diferentes níveis de conhecimento entre os mesmos e, pelo contrário, confirma o nivelamento entre esses alunos.

Após a aplicação dos questionários, e com os mesmos em mãos, devidamente respondidos, observamos que parte do instrumento de coleta de dados escolhido – questionário com questões abertas – apresentou-nos algumas dificuldades de interpretação, devido à constatação da condição de semi-analfabetismo dos alunos.

Pudemos comprovar este fato no momento da aplicação do questionário, em sala de aula, quando as crianças nos solicitavam a todo o momento que lêssemos as questões propostas para eles, alegando não entendê-las ou não conseguir lê-las.

Após recolhidos os questionários e já fora dos domínios da escola, no momento da análise dos dados, foi possível percebermos a referida condição de semi-analfabetismo apresentada pelos alunos, principalmente, no que se refere à caligrafia, ortografia e coerência de suas produções textuais.

Partindo, de fato, para a análise dos questionários, mais especificamente dos desenhos, observamos que dos 25 desenhos analisados, 8 não apresentaram nenhuma representação do ser humano ou de qualquer outro elemento sociocultural. É como se para as crianças autoras desses desenhos o ser humano não fizesse parte do meio ambiente e este correspondesse simplesmente à natureza, na sua forma mais naturalista possível. Essa visão pode representar também a percepção ilusória apontada por Merleau-Ponty (1999), refletindo a ilusão de uma natureza isenta de problemas, sejam eles naturais ou socioambientais.



Figura 05: Desenho de aluno participante da pesquisa: visão naturalista do meio ambiente. Não há presença do ser humano ou outro elemento sociocultural.

Nos 17 desenhos restantes, o ser humano é representado, além da presença de outros elementos socioculturais, tais como casas, berrante e bonecas. No entanto, nesses 17 desenhos, esse mesmo ser humano aparece interagindo harmoniosamente com a natureza, geralmente, regando plantas ou “solto no ar”, como se fosse apenas mais um elemento natural do meio ambiente, sem nenhuma função transformadora, ativa sobre o mesmo. Assim, o ser humano é representado como um sujeito passivo do meio ambiente, apolítico, sempre feliz e sorridente, o

que denota um visível sentimento de conformidade desses alunos em relação ao meio ambiente.



Figura 06: Desenho de aluno participante da pesquisa: presença de elementos socioculturais: mulher regando plantas, casa e bonecas.

Ainda sobre os desenhos, os mesmos apontam para uma natureza bela e sem problemas, da qual o ser humano participa e interage harmoniosamente. Para esses alunos o ser humano é visto como um cuidador da natureza, um protetor do meio ambiente e, reproduzido também, em situações que retratam a convivência familiar: *homem, mulher e menina* lado a lado na mesma paisagem, acompanhados ou não de uma casa. É importante destacar também que o ser humano é retratado nos desenhos como nativo, ou seja, como um indivíduo rural, um morador daquele entorno, alguém que está totalmente inserido nessa realidade rural.

Essa forma de representar o ser humano e o meio ambiente caracteriza a importância do sentimento de pertencimento para essas crianças, pois a partir do

momento em que elas representam paisagens naturais e indivíduos rurais, significa que valorizam a sua origem, as suas raízes.

Ao analisar as demais respostas dos questionários, pudemos constatar que quando perguntados sobre o que é natureza, parte dos alunos apresentaram uma visão totalmente naturalista, apolítica e a - histórica da mesma, na qual o ser humano não está presente e os elementos naturais também não se relacionam. Dentre algumas das respostas, podemos destacar: *As matas, a selva e as flores*, ou então, *É as matas, os verdes, as cachoeiras, os rios, riachos, trilhas, serra*, e ainda, *A natureza é árvores, bichinhos, insetos e todo tipo e animais e insetos e árvores e plantas e remédios*, ou simplesmente, *Mato e água*.

Já, uma parcela significativa dos mesmos, apresentou em suas respostas a existência de elementos socioculturais como pessoas, família e casa, o que denota que, dentre os pesquisados há alunos que concebem a natureza relacionada aos elementos sociais, constituindo uma relação sociocultural, atrelada ao meio ambiente, com respostas do tipo *a natureza é Aves, rios, lagos, cachoeira, cavalo, boi, gente*, e também, *A natureza é flores, árvores, cachoeiras, rios, serras e pessoas*, ou ainda, *As cachoeiras, os rios, os verdes e as águas, os riachos, trilhas, casas*, e mais, *Onde vive os animais, na casa dele, na floresta, a natureza é especial para a gente*. Podemos observar essa manifestação sociocultural e socioambiental, ainda mais claramente, em uma frase de uma aluna quando ela escreve no centro do seu desenho, as seguintes palavras: *Meio ambiente eu faço parte*.

que há sim a necessidade de a sociedade preservar o meio ambiente pelo bem comum da mesma e dos seres vivos em geral. Em suas falas destacamos essa consciência coletiva: *Não fazer queimada e não jogar lixo no meio da natureza porque os animais pode comer e morrer; Não jogar lixo na cachoeira é dever de todos e, finalmente, Preservar para não acabar.*

Sobre como está o meio ambiente a sua volta, a divisão de opiniões apareceu acentuadamente. Poucos alunos mostraram-se satisfeitos com sua realidade, demonstrando conformidade com a situação ambiental a sua volta, o que denota empatia com a vertente conservadora da EA, pois, houve aluno que disse que o meio ambiente a sua volta está *Bonito, organizado o lixo no vaso de lixo, e ainda, Limpo, bonito.* Houve também aluno afirmando que *O meio ambiente a minha volta está muito preservado, mas tem outros que estão muito feios,* admitindo, assim, que mesmo tendo consciência de que há situações de degradação ambiental, esta, felizmente, não se aplica ao seu espaço de vivência.

No entanto, houve muitos alunos que afirmaram insatisfação com a situação do meio ambiente a sua volta, demonstrando tendência a uma veia transformadora e emancipatória da relação entre o ser humano e a natureza, que pode ser traduzida em protestos veementes como estes: *Está poluído e não pode ficar poluído assim como está* e também através de opiniões, como *Na minha opinião a natureza aonde eu estou vejo queimada e bichos e esgoto com mal cheiro.*

No que se refere à obrigação de cuidar do meio ambiente, os alunos apontam que essa é uma tarefa de todos nós, quase sempre, auxiliada pelo governo. Ao dizer que a obrigação de cuidar do meio ambiente é *Do governo e de todos nós,* ou então, que é *Minha e do outro e outra a obrigação,* percebemos uma demonstração de responsabilidade socioambiental corroborando a presença do senso de cidadania ecológica e de consciência coletiva dessas crianças.

Entretanto, houve uma pequeníssima parte dos alunos participantes da pesquisa que demonstrou um sentimento de irresponsabilidade socioambiental, representando a parcela acomodada da população e uma tendência à vertente conservadora da EA, com um discurso de que a responsabilidade de cuidar do meio ambiente é do *Prefeito, professora.*

E sobre EA, ou seja, sobre o que aprendem na escola sobre o meio ambiente, as respostas passeiam, novamente, pela preservação da natureza, por preservar, sem importar para que, para quem ou por que, de modo que os alunos responderam que aprendem *A cuidar da natureza, as praças, as árvores, não matar as formigas, não matar os passarinho e Não jogar lixo no chão*, confirmando dessa vez a “superficialização” da EA proposta por Gramsci *apud* Guimarães (2000).

No entanto, ainda sobre a EA, predominam relatos de aprendizado coletivo, quando os alunos afirmam estar aprendendo a cuidar da natureza com ênfase na promoção de ações conjuntas para as a preservação das relações socioambientais. Aqui observamos novamente discursos pautados em uma EA de conscientização ecológica, mais uma vez, exemplificadas por falas, nas quais afirmam que na escola aprendem *A cuidar do que a gente tem. É preciso cuidar do meio ambiente, e também, A preservar e cuidar do meio ambiente porque nós faz parte dele*.

Sobre os itens que têm em suas casas observamos que todos os 25 alunos têm aparelhos de TV e livros, 23 têm aparelhos de som (rádio), 15 têm aparelhos de DVD, 12 têm telefones celulares, 17 têm revistas, 20 têm geladeiras e 24 têm fogão a gás.

Ao observar essas realidades, percebemos que todos os alunos pesquisados têm acesso a variados meios de informação e comunicação, além da escola, porém, não costumam utilizá-los para este fim, pois não constatamos nenhuma referência a este assunto em suas falas. Pudemos perceber que os referidos recursos representam opções de diversão e praticidade doméstica para os alunos e suas famílias. Atribuímos esse fato ao desconhecimento e à falta de incentivo dos mesmos para a função informativa e educativa dos aparelhos eletrônicos que possuem em suas casas.

Sendo assim, dentre as concepções dos alunos aqui analisadas, duas delas se encaixam nas concepções de Sauv  (1196-a) *apud* Sato (1997). A primeira na de *ambiente como a natureza para ser apreciado, respeitado, preservado*, quando as crianças se referem   visão naturalista do meio ambiente, na qual o ser humano   visto como se não fizesse parte do meio ambiente e este existisse apenas para ser admirado. E a segunda na concep o de *ambiente como um lugar para se viver*,

para conhecer e aprender sobre, para planejar para, para cuidar de, refletida no sentimento de pertencimento e cuidado dos alunos para com o seu ambiente cotidiano. Entretanto, mesmo admitindo essa compatibilidade parcial entre as concepções dos alunos pesquisados e as de Sauv  (1196-a) *apud* Sato (1997), não foi possível realizar este estudo com base nas mesmas devido a constata o de insuficiência de compatibilidade, já que as seis classifica es que Sauv  (1196-a) *apud* Sato (1997) descreve para “o estudo fenomenológico da teoria e da prática em EA [...]” (p. 9), não são suficientes para agrupar e explicar a quantidade de constata es a que chegamos no decorrer da pesquisa.

Desse modo, foi necessário criar *10 categorias de rela o ambiental* que permitem analisar as diversas rela es do ser humano com o meio ambiente. Os alunos foram subdivididos e agrupados em suas respectivas categorias de acordo com a compatibilidade de suas de características com a defini o apresentada pela categoria. No quadro abaixo as *10 categorias de rela o ambiental* estão relacionadas seguidas de seus respectivos conceitos e das respectivas respostas dos alunos que ilustram o perfil de cada uma delas.

CATEGORIA DE RELA�O	CONCEITO	RESPOSTAS DOS ALUNOS
Apol�tica/Harm�nica	Visão naturalista da mesma, na qual o ser humano não está presente e os elementos naturais também não se relacionam. Uma visão apolítica e a - histórica.	<p><i>As matas, a selva e as flores;</i></p> <p><i>� as matas, os verdes, as cachoeiras, os rios, riachos, trilhas, serra;</i></p> <p><i>A natureza � árvores, bichinhos, insetos e todo tipo e animais e insetos e árvores e plantas e remédios;</i></p> <p><i>Mato e água.</i></p>
Socioambiental	Natureza relacionada aos elementos sociais, constituindo uma rela�o sociocultural, atrelada ao meio ambiente (socioambiental).	<p><i>Aves, rios, lagos, cachoeira, cavalo, boi, gente;</i></p> <p><i>A natureza � flores, árvores, cachoeiras, rios, serras e pessoas;</i></p> <p><i>As cachoeiras, os rios, os verdes e as águas, os riachos, trilhas, casas;</i></p> <p><i>Onde vive os animais, na casa dele, na floresta, a natureza � especial para a gente;</i></p> <p><i>Meio ambiente eu faço parte.</i></p>

Preservação Natural	Atos isolados de preservação ambiental, desprovidos de embasamento sociocultural; é o cuidar por preservar a natureza, e vice versa, caracterizando a “homogeneização” da EA.	<i>Limpar a cachoeira, os rios e limpar a rua;</i> <i>Não jogar lixo no chão e não jogar lixo nos rios;</i> <i>Não cortar as matas da beira do rio.</i>
Preservação Sociocultural	Concepção voltada à consciência coletiva e à mobilização sobre a importância da natureza para as relações socioambientais. Necessidade de a sociedade preservar o meio ambiente pelo bem comum da mesma e dos seres vivos em geral.	<i>Não fazer queimada e não jogar lixo no meio da natureza porque os animais pode comer e morrer;</i> <i>Não jogar lixo na cachoeira é dever de todos;</i> <i>Preservar para não acabar.</i>
Satisfação Socioambiental	Conformidade com a situação socioambiental a sua volta, o que denota empatia com a vertente conservadora da EA.	<i>Bonito, organizado o lixo no vaso de lixo;</i> <i>Limpo, bonito;</i> <i>O meio ambiente a minha volta está muito preservado, mas tem outros que estão muito feios.</i>
Insatisfação Socioambiental	Insatisfação com a situação do meio ambiente a sua volta, demonstrando tendência a uma veia transformadora e emancipatória da relação entre o ser humano e a natureza,	<i>Está poluído e não pode ficar poluído assim como está;</i> <i>Na minha opinião a natureza aonde eu estou vejo queimada e bichos e esgoto com mal cheiro.</i>
Responsabilidade Socioambiental	Sentimento de responsabilidade socioambiental corroborando a presença do senso de cidadania ecológica e de consciência.	<i>Do governo e de todos nós;</i> <i>Minha e do outro e outra a obrigação.</i>
Irresponsabilidade Socioambiental	Sentimento de ir responsabilidade socioambiental, acomodação e tendência à vertente conservadora da EA.	<i>Prefeito, professora</i>
Aprendizado Naturalista	Preservação da natureza, por preservar, sem importar para quem, para quem ou porque, confirmando dessa vez a “superficialização” da EA (preservação consensual).	<i>A cuidar da natureza, as praças, as árvores, não matar as formigas, não matar os passarinho;</i> <i>Não jogar lixo no chão.</i>
Aprendizado socioambiental	Incentivar o cuidado com a natureza com ênfase na promoção de ações conjuntas para as a preservação das relações socioambientais. Observam-se discursos pautados em uma EA de conscientização ecológica.	<i>A cuidar do que a gente tem É preciso cuidar do meio ambiente;</i> <i>A preservar e cuidar do meio ambiente porque nós faz parte dele.</i>

Figura 08: Quadro de sistematização das categorias de análise da percepção ambiental dos alunos.

Muitas crianças representaram em seus desenhos elementos sociais, como figuras humanas, casas e até bonecas e berrantes. Quanto à preservação ambiental as crianças se dividem em opiniões. E, além de ser notável a insatisfação dos alunos

com o meio ambiente no qual vivem, eles se consideram – assim como a toda sociedade – responsáveis pela preservação das relações socioambientais.

Desse modo, observamos que a percepção ambiental dos alunos do Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires está respaldada em um estágio intermediário entre a visão naturalista e a visão socioambiental da EA.

E esse estágio intermediário já reflete frutos do trabalho do Programa Despertar, pois, apesar de não terem ainda atingido a formação completa de sua conscientização, afinal, ainda freqüentam o 4º ano do Ensino Fundamental, os alunos demonstram criticidade e conscientização ecológica – mesmo que incipientes – em seus discursos, nos fazendo perceber que o Programa Despertar apresenta uma proposta de trabalho coerente com a realidade dessas crianças e, inclusive, disponibiliza tanto a alunos quanto a professores, subsídios que possibilitam a realização de um bom trabalho social com possíveis bons resultados dentro e fora da sala de aula. Trabalho social esse, respaldado nos temas transversais, já citados anteriormente, que demonstram que o Programa Despertar, além de propagar a EA, acima de tudo, defende a cidadania ecológica, ou seja, a formação de cidadãos conscientes e dispostos a lutar pela preservação socioambiental.

Os alunos pesquisados, portanto, têm capacidade para apreender a educação que lhes é oferecida e, inclusive, encontram-se em uma fase cognitiva propensa à apreensão de conhecimentos de ordens diversas.

Entretanto, aqui, ainda nos encontramos em uma fase de pré-diagnóstico, afinal, é necessário compreender, de fato, qual a visão dos professores acerca da EA, como se dá a percepção ambiental dos mesmos e qual o papel desempenhado por eles na construção do senso crítico dos alunos e também verificar se a atuação dos referidos professores contribui ou não para o desenvolvimento desses alunos.

3.3.2 Sobre os Professores

Entre os professores foram distribuídos 10 questionários, pois, essa era a quantidade de professores que trabalhavam no colégio no turno matutino, quando

visitamos o mesmo para realizar a pesquisa de campo, porém, desses 10 apenas 4 foram devolvidos devidamente respondidos. Esse fator dificultou a análise da percepção dos professores, já que a mesma só pôde contar com 40% (quarenta por cento) dos professores solicitados. Dessas 4, 3 são professoras e uma, além de professora, está atuando como coordenadora pedagógica do colégio.

A faixa etária das professoras participantes da pesquisa é de 23 a 38 anos de idade. Duas professoras e a coordenadora têm nível superior completo, enquanto que a terceira professora está concluindo a graduação. Das quatro, três têm cursos em EA (os cursos de capacitação oferecidos pelo Programa Despertar) e uma não. E quanto ao tempo de serviço no colégio, o das professoras, em ordem cronológica, é de 5 meses de trabalho, 2 anos e 3 anos, sendo que a coordenadora já atua no colégio há 10 anos.

É importante ressaltar que, exceto a coordenadora, as outras três professoras lecionam entre turmas de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental, o que significa que têm que trabalhar com os seus alunos todas as disciplinas do currículo, possibilitando assim, maior facilidade para a realização de um trabalho interdisciplinar, de modo que, em se tratando de EA qualquer pessoa está apta para ser um multiplicador, desde que tenha interesse e comprometimento com o tema.

Devido à quantidade pequena de sujeitos a serem analisados aqui, usaremos as próprias falas das professoras, representadas no quadro abaixo, para uma melhor compreensão do contexto. Atribuimos códigos de referência às professoras participantes, de modo que a coordenadora será identificada por **C**, de coordenadora; e as demais professoras por **X**, **Y** e **Z**, respectivamente. As professoras serão referenciadas sempre obedecendo à ordem alfabética, na mesma ordem em que foram apresentadas.

Seguem adiante as perguntas do questionário dos professores e as respectivas respostas de cada uma das participantes. Vale lembrar que aqui serão colocadas as questões correspondentes às de número 8 a 13 do referido questionário, já que as anteriores se referem às informações pessoais dos professores, as quais já foram descritas anteriormente.

Analisamos as respostas das professoras separadamente umas das outras, enfocando a visão particular de cada uma, para depois, chegarmos a uma conclusão geral, seja ela de convergência, divergência ou de complementaridade entre as opiniões analisadas.

É importante ressaltar também que as respostas abaixo foram transcritas na íntegra, exatamente como estavam escritas nos questionários.

Respostas Questões	C	X	Y	Z
8. Para você, o que é EA?	<i>É a educação pautada na preservação e conservação ambiental e nas relações do homem com o meio em que vive (relações socioculturais).</i>	<i>Tornar presente no “seu” cotidiano ações que valorizem a preservação ambiental e, conseqüentemente, a saúde, saindo dos muros escolares para a vivência.</i>	<i>É a conscientização de como viver e sobreviver no meio ambiente sem causar danos a natureza.</i>	<i>A forma de repensarmos nossas atitudes em relação ao MEIO. Educação Ambiental é uma necessidade e uma responsabilidade – Ninguém pode ficar de fora.</i>
9. Como a EA deve ser trabalhada na sala de aula? Por que?	<i>Deve ser de formação, não apenas informar, portanto, é necessário começar a trabalhar nas séries iniciais sensibilizando, conscientizando o discente da necessidade de cuidar do meio ambiente em que vivemos.</i>	<i>A partir de texto informativo, banners, revista, gráficos dos problemas ambientais e discussões. Porque valoriza a construção do pensamento crítico das crianças em relação às questões ambientais, só assim elas se tornam multiplicadores de consciência ambiental.</i>	<i>Deve ser trabalhada a conscientização desde as séries iniciais, porque as crianças de hoje são os adultos do amanhã.</i>	<i>Focando as potencialidades da região, orientando sobre a responsabilidade de cada pessoa. Usar em prática os 4 R's => Repensar, reciclar, reaproveitar e reduzir. Assim começa a EA.</i>
10. Há recursos disponíveis para trabalhar a EA na sala de aula? Quais?	<i>Sim. Além dos cursos que foram ministrados, nós dispomos de cartilhas informativas, com história em quadrinhos, numa linguagem adequada a cada série, temos banner e fazemos aula de campo.</i>	<i>Sim. Mesmo que em pequenos números. Vídeo (TV Escola), banner do próprio Despertar, revista também do programa (água, resíduos sólidos, biodiversidade...) e manual do professor.</i>	<i>Sim. O projeto “Programa Despertar”, disponibiliza de cartilhas que contêm paródias, história em quadrinhos, etc., que nos ajuda com aulas mais dinâmicas.</i>	<i>Alguns. Cartilha do Programa Despertar e manual do professor.</i>
11. Há dificuldades para trabalhar EA na sala de aula? Quais?	<i>O trabalho é difícil, não nas séries iniciais, mas com os adolescentes, eles acham tudo muito rotineiro e repetitivo, a sua formação no comece não se detinha tanto às questões ambientais.</i>	<i>Sim. Porque não é só com os alunos em classe que se promove um bom resultado, tratando-se de Educação Ambiental, mas sim promovendo mudanças na comunidade, como propõe o Programa Despertar e nesta comunidade em que o Colégio está inserido, não foi promovido nenhum trabalho significativo, para trazer a comunidade à escola no sentido de conscientizar, discutir sobre os problemas ambientais desta comunidade e em parceria, mudar ações que ainda prejudicam o meio ambiente.</i>	<i>Sim. Se a EA é a conscientização de proteção ao meio ambiente, os alunos já estão acostumados a caça, pesca e venda de animais, especialmente pássaros. E tirar essa idéia que é parte da educação deles é muito difícil.</i>	<i>Algumas devido ao número pequeno de recursos.</i>
12. Você gosta de trabalhar EA com o Programa Despertar?	<i>Sim. Utilizo sempre os informativos para aula de Língua Portuguesa e busco discutir as questões como: água, solo, clima, resíduos sólidos e biodiversidade.</i>	<i>Sim. Porque tem um diferencial, a proposta que além de trabalhar este tema em classe é preciso também promover <u>mudanças</u> na comunidade. E mesmo que ainda não tenha sido feita <u>mudanças</u> significativas extraclasse, a comunidade escolar está compreendendo a proposta e discutindo o tema no âmbito mais local relacionando com contextos maiores, o que se torna possível com as discussões</i>	<i>Trabalho com esse programa há apenas 4 meses, falta muito para ver o resultado, mas de início tá legal.</i>	<i>Sim. É muito bom e funciona.</i>

		<i>dos textos informativos e o uso dos recursos já citados, além das aulas de campo.</i>		
13. Como é trabalhar EA na sua escola a partir do Programa Despertar? O Programa oferece algum incentivo, material, assistência a professores e alunos?	<i>Ainda não chegamos a uma mudança radical, mas já é bem visível a postura do nosso alunado em relação ao meio ambiente. Sabemos que a mudança de hábitos será gradativa, precisamos de mais incentivos e cursos, visto que, houve uma mudança no quadro de professores, a maioria, desconhece o programa.</i>	<i>É satisfatório, porque a escola está situada em uma comunidade rica em recursos naturais, sendo fundamental a consciência ambiental dessas pessoas e estudantes que convivem neste local. E o Despertar teoricamente atende a essa necessidade. Teoricamente porque neste caso como já ressaltai, a comunidade ainda não está inserida nesta discussão escolar.</i> <i>O Programa oferece incentivos disponibilizando materiais para o trabalho e capacitação do professor. No entanto, no "pólo" Jacobina, só houve uma capacitação efetiva, para os professores de Itaitu e Caatinga do Moura, escolas participantes neste pólo. O que dificulta a atuação do profissional de educação de forma mais proveitosa.</i> <i>O Programa Despertar, com frequência envia informativos sobre suas ações, programações e também as realizações dos municípios envolvidos por e-mail, no entanto, são convocados em sua maioria os gestores e representantes do Programa na cidade e aos professores é de responsabilidade do município promover capacitações, mas, não se tem esta como deveria. Por e-mail envia também textos sobre a temática EA, nem todos os professores têm acesso.</i>	<i>Resposta já citada em questões anteriores.</i>	<i>Em parte sim, temos cartilhas. Porém, não somos assistidos como gostaríamos.</i>

Figura 09: Quadro de sistematização das respostas dos professores ao questionário.

Nas falas da coordenadora pedagógica (C) do colégio, pôde-se perceber um discurso, voltado para a prática de uma EA emancipatória, moldada em propostas pedagógicas vinculadas aos interesses populares de emancipação e de igualdade social, bem como percebemos também no seu discurso a esperança de ver mudar o cenário socioambiental atual e, principalmente, contribuir com essa mudança. A coordenadora passa satisfação com a atuação do Programa Despertar no colégio, de fato, “veste a camisa” do projeto e acredita na sua proposta, mesmo assumindo que existem algumas dificuldades no trabalho com o mesmo.

Para C, os recursos didáticos oferecidos pelo programa são suficientes e também correspondem às suas expectativas de trabalho, embora considere que o trabalho é mais difícil de ser realizado com *adolescentes* do que com os alunos das séries iniciais, pois, os primeiros *acham tudo muito rotineiro e repetitivo* nas aulas.

No entanto, C tem consciência de que o trabalho do Programa Despertar ainda não operou *uma mudança radical* na consciência dos estudantes, mas, afirma que já se pode observar certa mudança na *postura do nosso alunado em relação ao meio ambiente*. Segundo a mesma, em uma conversa informal com a pesquisadora quando da realização da primeira visita de reconhecimento do local pesquisado, é possível observar a referida mudança de postura, principalmente, no comportamento atual das crianças em relação à caça de pássaros com estilingues, o que diminuiu consideravelmente.

Para a professora X, também adepta de uma EA emancipatória, percebemos sua avidez por mudanças na comunidade local através de propostas pedagógicas inovadoras e que ultrapassem os limites escolares. Ainda nas suas falas, observamos que a mesma – bem como acredita que ocorra o mesmo com todos os professores que trabalham com o Programa Despertar – se sente, por vezes, excluída do processo de desenvolvimento do programa, alegando que os professores não têm acesso aos encontros e reuniões promovidos pelo mesmo, nos quais são expostos resultados, discutidos temas pertinentes à temática ambiental e às bases do programa em si e, participam apenas, os gestores e os representantes locais dos pólos.

Além do mais, todo do conteúdo apresentado e debatido nesses encontros deveria ser transmitido aos professores em forma de capacitação, o que, segundo a professora X, não ocorre, pois desde que o Programa Despertar iniciou sua parceria com o colégio do Distrito de Itaitu, em julho de 2006, houve apenas uma capacitação inicial para os professores.

No discurso da professora Y, percebemos um misto de acomodação com visão naturalista acerca da EA e pessimismo nas suas falas. Para ela, a EA é uma educação que conscientiza o ser humano para que ele viva no meio ambiente sem causar danos à natureza. Ela afirma também que tem dificuldades para trabalhar EA

com seus alunos porque, por entender que os mesmos têm uma cultura direcionada à agressão do meio ambiente, supõe que *tirar essa idéia que faz parte da educação deles é muito difícil*. E quanto ao trabalho com o Programa Despertar, alega não ter visualizado ainda resultados significantes pelo fato de estar trabalhando com os mesmos há apenas 4 meses.

E para a professora Z, a EA nos estimula a *repensarmos as nossas atitudes em relação ao nosso MEIO*, afirmando que a EA é uma necessidade da conscientização ambiental e uma responsabilidade nossa para com o meio ambiente. Para ela, a EA tem que ser trabalhada na sala de aula levando-se em consideração a realidade local do sujeito, a fim de focar diretamente as potencialidades e os problemas específicos presentes nessa realidade.

É fácil perceber que os professores pesquisados têm muito entusiasmo em trabalhar com o Programa Despertar, pois para eles esse trabalho representa a manutenção e a valorização das origens dos alunos rurais, afinal, trabalhando desse modo, os estudantes se sentem realmente inseridos dentro da realidade que discutem na escola, diferente do que acontece nas escolas urbanas, na qual, muitas vezes, até mesmo os alunos da cidade não conseguem se encontrar ou se encaixar na realidade que lhes é apresentada em seus livros didáticos.

Outro fator que contribui com essa animação dos professores é o fato de – mesmo alegando que a quantidade é insuficiente (opinião consensual entre as três professoras participantes, exceto a coordenadora) – gostarem de trabalhar com o material didático disponibilizado pelo programa. Segundo as professoras, o material é muito bem elaborado e contempla questões pertinentes à realidade dos alunos de Itaitu. Para as professoras, o trabalho com o Programa Despertar deveria ser prioritário no colégio, o que não ocorre porque o mesmo deve seguir, assim como as demais escolas do município um cronograma pré-estabelecido pela Secretaria de Educação de Jacobina.

De acordo com as informações obtidas através das professoras e coordenadora participantes da pesquisa, observamos que há uma divisão de opiniões, ocasionada pelo despreparo e/ou acomodação das mesmas em relação à EA.

Falamos em despreparo e/ou acomodação porque é lamentável que professores de séries iniciais do Ensino Fundamental que trabalham em comunidades e escolas rurais, com visível potencial para a discussão socioambiental e com um programa direcionado especialmente para essa situação, não tenham nenhum interesse em se atualizar acerca da EA, especialmente, na época atual na qual é possível que a informação atinja qualquer realidade.

Mesmo quando determinada professora (X) mostra descontentamento com o descumprimento (do próprio corpo docente) com a função educacional extraclasse do Programa Despertar, apresenta um postura de inércia, pois, em nenhum momento cita em sua fala alguma atitude, atividade ou sequer idéia que tenha partido de sua iniciativa para modificar esse quadro.

Sendo assim, observamos que a percepção ambiental dessas professoras ultrapassa sim a visão naturalista, porém traz consigo uma criticidade ainda incipiente que começa a ser moldada no âmbito da EA a partir do trabalho do Programa Despertar. Uma criticidade necessária a educadores e, principalmente, educadores de séries iniciais, afinal, as crianças em estágio de desenvolvimento cognitivo – como é o caso dos alunos pesquisados – devem ser estimulados a apreender, conhecer e a questionar ininterruptamente sobre todo o tipo de conhecimento que estiver ao seu alcance, bem como sobre todo assunto que contribua para sua formação de caráter enquanto futuros cidadãos ecológicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, observamos que os professores do Colégio Municipal Crescenciano Fernandes Pires ainda estão amadurecendo para o trabalho com a EA, de modo que ainda apresentam uma criticidade incipiente que se reflete também nos seus alunos. Constatamos esse fato no que se refere à visão dos professores em relação ao caráter social da EA proposta pelo Programa Despertar. Tal proposta comporta as discussões acerca das relações entre os homens, a partir do enfoque dos temas transversais, como Ética e Cidadania, Saúde e Trabalho e Consumo, o que não

visualizamos no discurso desses professores. Observamos sim a presença das relações socioambientais, porém, há certa resistência às relações entre os homens no meio ambiente; é como se este fosse um elemento natural da natureza. Em sua concepção ainda transitória acerca da EA, os professores admitem a necessidade de transformações no cenário socioambiental e também como um todo, porém, mostram-se acomodados quando não sugerem nem tomam iniciativas para realizá-las nem mesmo dentro da comunidade escolar na qual trabalham e convivem.

Os professores manifestaram-se satisfeitos com o trabalho que realizam e, principalmente em trabalhar com o Programa Despertar devido a riqueza do material oferecido pelo mesmo tanto aos alunos quanto aos professores. Os manuais dos professores e as cartilhas dos alunos apresentam propostas teóricas e práticas de trabalho em EA que valorizam a construção da criticidade e da cidadania ecológica de professores e alunos, afinal, os professores também aprendem enquanto ensinam, caracterizando o processo de ensino-aprendizagem.

Poucas crianças vêem o ser humano como um elemento natural do meio ambiente. Seus desenhos representam homens felizes, cuidando da natureza (regando plantas) e em harmonia com o meio em que vivem, refletindo o sentimento de pertencimento e o afeto ao seu local de vivência, além da importância de cuidar do meio ambiente. No entanto, esse mesmo ser humano representado nesses desenhos se configura como um sujeito apolítico, “solto no ar”. Para essas crianças, o ser humano tem uma relação superficial com o meio ambiente: ele cuida porque tem que cuidar, porque se estabeleceu que devemos preservar a natureza, caracterizando, mais uma vez a “homogeneização” da discussão ambiental proposta por Gramsci *apud* Guimarães (2000). Portanto, esses alunos ainda apresentam uma visão naturalista da EA e necessitam de maiores estímulos para a formação de suas consciências ecológicas.

No entanto, a maioria dos estudantes pesquisados, representa o ser humano entre a natureza e outros elementos socioculturais, admitindo, inclusive, as relações entre os homens, pois há desenho que mostra várias figuras humanas, sugerindo até uma família; além de demonstrarem também afeto e pertencimento ao seu local de vivência. Nessas crianças já conseguimos visualizar um estágio de criticidade um pouco mais avançado, pois ainda que incipiente, elas têm consciência da

importância das relações sociais coletivas e dessas em conjunto com as socioambientais e do papel do ser humano no meio ambiente enquanto ser político e capaz de promover mudanças no cenário socioambiental. Esses alunos se apresentam também (assim como seus professores) em um estágio que permeia a transição entre a visão naturalista e a socioambiental da EA.

Desse modo, fica claro que ainda não podemos identificar a presença maciça de uma ou outra vertente da EA no colégio e no Distrito pesquisados, porém percebemos uma visível inclinação à vertente emancipatória. Os professores sabem da necessidade da mudança e querem a mesma, porém não a iniciam devido, principalmente, à falta de capacitação adequada que lhes deveria ser promovida continuamente pelo Programa Despertar. Os alunos precisam de estímulos – que não encontram em seus professores – pois, já pudemos perceber neles o afeto dedicado ao meio ambiente a sua volta, o que se configura como um fator primordial para a execução de atividades transformadoras desse meio. Assim, fica evidente que a percepção ambiental dos alunos e professores pesquisados permeia uma transição da vertente conservadora para a emancipatória, de modo que a tendência é formar cidadãos ecológicos, comprometidos com o meio ambiente a sua volta e com “[...] a concretização de mudanças comportamentais direcionadas à saúde, à cidadania, à preservação ambiental, ao agir ético e aos cuidados com o consumo, visando formar cidadãos empenhados na defesa da sociedade e do meio ambiente em que vivem por meio de uma ação conjunta escola/comunidade rural” (SENAR, 2008, s/p)

Ao observarmos a condição de semi-analfabetos dos alunos pesquisados, sugerimos maior atenção e dedicação ao processo de alfabetização dos mesmos, inclusive, a partir do Programa Despertar, pois, o mesmo atua desde a Alfabetização até o 9º ano do Ensino Fundamental e, portanto, disponibiliza à escola e professores condições e materiais adequados para este fim.

O Programa Despertar oferece propostas e materiais que além de interessantes e bem elaborados em seus aspectos teóricos, possibilitam um trabalho de qualidade, porém, o que está faltando para que esse resultado seja alcançado com o devido êxito no Colégio é o referido programa oferecer incentivo e capacitação continuada aos professores e assistência constante às escolas que atende de modo a implantar

efetivamente o Programa, além, é claro, do interesse pessoal dos professores em buscar atualização profissional, o que só tem a acrescentar às suas vivências, tanto profissionais quanto pessoais.

A EA é trabalhada no colégio, basicamente, a partir do material didático (manuais e cartilhas) disponibilizado pelo programa, bem como, da realização de aulas de campo, afinal, essa é uma opção abundante no Distrito e permite a interação direta entre professores, alunos e natureza. A direção e coordenação da escola já chegaram a oferecer palestras informativas e tentaram realizar atividades educativas envolvendo toda a comunidade, mas a mesma apresentou resistência em participar e contribuir, o que acabou desestimulando tais iniciativas. Atualmente, as professoras promovem atividades esporádicas e de pouca repercussão no cenário local, geralmente, em datas comemorativas do calendário letivo.

Desse modo, observamos que o Programa Despertar vem conseguindo – ainda que timidamente – atingir os seus objetivos dentro do Distrito e do colégio de Itaitu, introduzindo em professores e alunos a semente da cidadania ecológica e o caráter emancipatório da EA, fazendo-os aos poucos modificarem suas visões sobre a natureza e o meio ambiente, embora o ponto principal para que se atinja, de fato, a conscientização ecológica esteja em escola e professores perceberem a importância das relações entre os homens no meio ambiente, como prevêm os temas transversais, e não apenas as relações entre ser humano e natureza (socioambientais), pois é necessária a introdução da politização no discurso desses educadores, a fim de fortalecerem a sua criticidade.

Portanto, ao final da realização deste trabalho, concluímos que a percepção dos professores e alunos pesquisados permeia um estágio transitório entre a vertente conservadora e a emancipatória da EA, visto que o trabalho do Programa Despertar dentro do Distrito e do Colégio pesquisados é incipiente e os professores não dispõem de capacitação continuada adequada para realizar o trabalho de EA, mas mesmo assim, demonstram empolgação e comprometimento em trabalhar com o programa, pois, o preferem aos projetos impostos pela Secretaria de Educação de Jacobina que, na maioria das vezes, em nada contempla a realidade dos estudantes de Itaitu.

E, sobre os alunos pesquisados, consideramos louvável que, ainda freqüentando o 4º ano do Ensino Fundamental, ou seja, em processo de desenvolvimento cognitivo, já estejam nesse avançado processo de transição de opinião acerca da EA, pois isso significa que só têm a desenvolver ainda mais sua criticidade sobre o tema no decorrer da vida escolar, principalmente, se permanecerem no Distrito e no Colégio, pois terão a oportunidade de estudá-lo e vivenciá-lo na prática até o 9º ano do Ensino Fundamental.

Desse modo, recomendamos a implantação do Programa Despertar nas escolas rurais, visto que o mesmo tem uma proposta exclusivamente voltada para essa realidade, valorizando assim, a formação “do produtor rural do futuro” (SENAR, 2008, s/p) e a realidade dessas populações, oferecendo-lhes subsídios para o seu desenvolvimento econômico, social e socioambiental.

É imprescindível que a vida escolar de um estudante não seja para ele apenas a recordação dos bons momentos vividos, da amizade conquistada ou perdida, mas que seja presença constante na sua vida, passando, em determinado momento, de vida escolar para vida de constante aprendizado, na qual, formado o cidadão jamais deixará de buscar o conhecimento, de alimentar o seu intelecto e também a sua alma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1977.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

CAMPOS, Dinael Corrêa de. A Análise de Conteúdo na Pesquisa Qualitativa. In: ____ BAPTISTA, Makilim Nunes; CAMPOS, Dinael Corrêa de. **Metodologias de Pesquisa em Ciências: análises quantitativa e qualitativa**. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

Educação do Campo. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/index.php?option=content&task=view&id=38&Itemid=165>. Acesso em: 14 de outubro de 2008.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Olhar Periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. São Paulo: Edusp, 1993.

GONÇALVES, Márcio Luiz Quaranta. **A Fenomenologia e a Educação Ambiental**. Disponível em: <http://www.amigosdanatureza.org.br/index.php?s=noticias¬icia=386&a=ampliar>. Acesso em: 30 de outubro de 2008.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação Ambiental: no consenso um embate?** Campinas, SP: Papirus, 2000. (Coleção Papirus Educação).

ITAITU – Jacobina. Disponível em: <http://www.ispiaki.com.br/index.php?page=jacobina&jacobina=011>. Acesso em: 16 de outubro de 2008.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Cidadania e Meio Ambiente**. Salvador: Centro de Recursos Ambientais, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 24 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994;

PACHECO, Éser; SILVA, Hilton P. **Compromissos Epistemológicos do Conceito de Percepção Ambiental**. Disponível em: <http://www.ivt-rj.net/sapis/2006/pdf/EserPacheco.pdf>. Acesso em: 23 de setembro de 2008.

PROGRAMA Despertar. Disponível em: http://faeb2.tempsite.ws/senar/main/programas_especiais/detalhes.jsp?codigo=prg_despertar. Acesso em 01 de agosto de 2008.

PROGRAMA DESPERTAR. Folder informativo/ilustrativo. S/D.

SATO, Michèle. **Educação para o Ambiente Amazônico**. 1997. 227 f. Tese (Doutorado). Doutorado em Ciências. Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1997.

SENAR. **Vida e Meio Ambiente: resíduos sólidos – Nem tudo é lixo: manual do professor**. SENAR: Salvador-BA, 2007.

SILVA, Rosana Louro Ferreira. **O meio ambiente por trás da tela – estudo das concepções de Educação Ambiental nos filmes da TV Escola**. 2007. 267 f. Tese (Doutorado). Doutorado em Educação/Ensino de Ciências e Matemática da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

TERAMUSSI, Thais Moreto. **Percepção ambiental de estudantes sobre o Parque Ecológico do Tietê, São Paulo – SP**. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado) Mestrado em Ciência Ambiental. Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental – PROCAM da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2008.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TURISMO. Disponível em: <http://www.portaljacobina.com.br/>. Acesso em: 16 de outubro de 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Meu nome é Lívia Silva Seixas, sou aluna do Curso de Geografia da UNEB. Gostaria que vocês respondessem às perguntas abaixo para que eu possa fazer a minha monografia. Sua participação é voluntária. Agradeço sua colaboração!

Escola _____

Nome _____

1. Sexo () Feminino () Masculino

2. Qual sua idade? _____

3. Qual sua série? _____

4. Com quem você vive e onde? _____

5. Marque na relação abaixo os itens que você e sua família têm na sua casa:

() Televisão

() Som (rádio)

() DVD

() Celular

() Livros

() Revistas

() Geladeira

() Fogão a gás

() Outros _____

6. **Desenhe o meio ambiente, no verso desta folha e coloque o nome de cada elemento.**

7. O que é natureza? _____

8. O que devemos fazer para cuidar da natureza? _____

9. Como está o meio ambiente a sua volta? _____

10. De quem é a obrigação de cuidar do meio ambiente? _____

11. O que você aprende na escola sobre meio ambiente? _____

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

Meu nome é Livia Silva Seixas, sou aluna do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Venho aplicar este questionário para obter algumas informações necessárias à elaboração da minha pesquisa de TCC.

Sua participação limita-se em responder ao questionário, sem qualquer ônus financeiro. Será garantido seu sigilo e assegurado sua privacidade em qualquer tipo de trabalho escrito ou oral. Sua participação é voluntária. Agradeço sua colaboração!

1. Nome: _____

2. Idade: _____ Carga Horária Semanal: _____

3. Escola onde trabalha: _____

4. Tempo de serviço: _____

5. Nível de formação (escolaridade): _____

6. Área de formação (curso): _____

7. Fez algum curso específico relacionado à temática ambiental? _____

8. Para você, o que é Educação Ambiental (EA)? _____

9. Como a EA deve ser trabalhada na sala de aula? Por quê? _____

10. Há recursos disponíveis para trabalhar a EA na sala de aula? Quais? _____

11. Há dificuldades para trabalhar a EA na sala de aula? Quais? _____

12. Você gosta de trabalhar EA com o Programa Despertar? _____

13. Como é trabalhar EA na sua escola a partir do Programa Despertar? O Programa oferece algum incentivo, material, assistência a professores e alunos?

Obrigada!

Livia Seixas.

APÊNDICE C

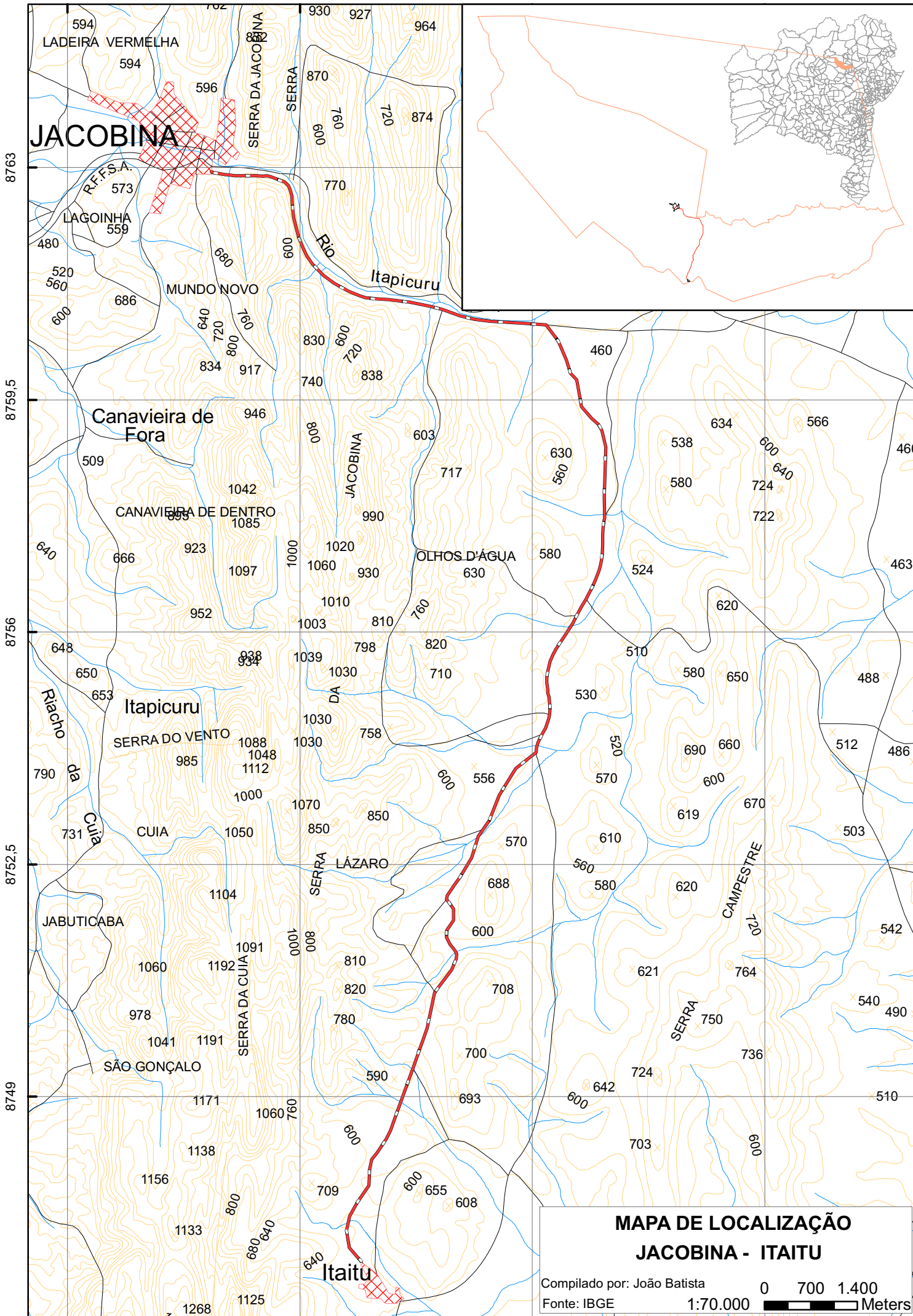
MODELO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo Livia Silva Seixas, portadora do RG 09911641-30, graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV – Jacobina, a desenvolver parte de sua pesquisa nesta escola.

A parte da pesquisa a ser realizada refere-se à aplicação de questionários, com questões abertas, para os alunos de 3ª série do ensino fundamental e para professores do ensino fundamental. Esta pesquisa visa investigar o grau de percepção que estas crianças e professores apresentam acerca do meio ambiente, sem qualquer ônus financeiro.

Distrito de Itaitu, Jacobina – BA, __/__/_____.

ANEXOS



**MAPA DE LOCALIZAÇÃO
JACOBINA - ITAITU**

Compilado por: João Batista
 Fonte: IBGE
 0 700 1.400
 1:70.000 Meters